

Profetas modernos

uro pelo nome do Senhor, o Deus de Israel, a quem sirvo, que não cairá orvalho nem chuva nos anos seguintes, exceto mediante a minha palavra" (1Rs 17:1, NIV). Essa corajosa declaração foi feita por Elias diante do rei Acabe, mas não tão corajosa como a experiência do Monte Carmelo (1Rs 18:17-40). Como resultado, o profeta foi ameaçado de morte (1Rs 19:1, 2).

"Assim diz o Senhor acerca de Jeoaquim, rei de Judá: 'Ele não terá nenhum descendente para sentar-se no trono de Davi; seu corpo será lançado fora e exposto ao calor de dia e à geada de noite. Eu castigarei a ele, aos seus filhos e aos seus conselheiros por causa dos seus pecados" (Jr 36: 30, 31). Jeremias também não temeu profetizar

contra o rei Zedequias e o povo (Jr 37:17; 38:2, 3), atraindo para si a perseguição (Jr 38:4-6).

Essa experiência se repete. Ela representa a essência da pregação profética, cujos arautos estão preocupados apenas em falar o que Deus lhes ordenou, sem se

intimidar diante das repercussões que possam enfrentar. Elias, Jeremias, João Batista e muitos outros reconheceram a seriedade dos tempos e deram as mensagens de juízo recebidas do Senhor.

Não tenho nenhuma dúvida de que ainda existem muitos pastores que amorosamente proclamam as elevadas expectativas de Deus. Entretanto, nestes últimos dias, Ele busca mais porta-vozes que proclamem Sua Palavra, independentemente das possíveis retaliações que tenham de sofrer.

Mas, por que alguns pastores temem utilizar sua voz profética? Talvez seja porque desejam ser amados pelas respectivas congregações. Então, receiam dizer coisas que soem controvertidas, no sentido de que, embora solidamente bíblicas, desafiam hábitos, comportamentos e crenças longamente acariciados pelos ouvintes. Talvez, nesta época de megaigrejas, a pregação como a dos antigos profetas seja considerada politicamente incorreta e prejudicial ao movimento de crescimento eclesiástico para o qual Deus nos chamou. Quem sabe, o foco

sobre a graça, extremamente necessário, aparentemente presuma ausência de sermão corretivo. Provavelmente, alguns pregadores queiram evitar o elevado preço desse modelo de pregação.

Nossa missão inclui a proclamação das três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12. O alvo de nossa mensagem é renovação e restauração, não condenação nem destruição, como também foi o desejo de Elias e Jeremias (1Rs 18:37; Jr 29:10, 11). Poderia ser que a ênfase nesse modelo de pregação venha contribuir para o reavivamento e a reforma? Poderia ser que Deus estivesse chamando pastores, professores, administradores, capelães e outros para atender Sua ordem:

"Grite alto, não se contenha! Levante a voz como trombeta. Anuncie ao Meu povo a rebelião dele, e à comunidade de Jacó, os seus pecados" (Is 58:1)? A igreja precisa experimentar verdadeira piedade nos níveis pessoal e institucional.

Não deveríamos falar com voz profética, guiados pelo Espírito Santo?

Pecado, seja adultério ou orgulho, é pecado, e o fiel pastor deve enfrentá-lo bem como enfrentar outros males que infectam o mundo: sexismo, racismo, preconceito, discriminação, entre outros.

À medida que os pregadores assumem seu papel de porta-vozes de Deus e Seu povo vive as verdades das Escrituras, aproximamo-nos mais e mais do dia em que "o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre" (Ap 11:15). Um verdadeiro ministério profético, corretamente desempenhado, demonstra nosso profundo desejo de apressar a parousia, a consumação da bendita esperança, de modo que possamos viver em eterna paz com nosso Deus.

Mais do que nunca, este é o tempo de atendermos a injunção paulina: "Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina" (2Tm 4:2). Que Deus nos abençoe e nos use como Seus porta-vozes.

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 84 - Número 499 - mar/abr 2012 Periódico Bimestral - ISSN 2236-7071

Editor:

Zinaldo A Santos

Editor associado:

Márcio Nastrini

Assistente de Redação:

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Projeto Gráfico:

Designer Gráfico:

Éfeso Granieri Ilustração da Capa:

Thiago Lobo

Colaboradores Especiais:

Bruno Raso: Elbert Kuhn: Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores:

Antônio Moreira: Augusto M. Cárdenas: Bolívar Alaña: Carlos Sanchez: Daniel Marin: Edilson Valiante: Geovane Souza: Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Jeú Caetano; Léonino Santiago; Luíz Martinez; Moisés M. Silva: Nelson Suci; Salomón Arana; Samuel Jara.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima Diretor Financeiro: Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a guinta, das 8h às 20h Sexta, das 7h30 às 15h45 Domingo, das 8h30 às 14h Site: www.cpb.com.br E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet

www.dsa.org.br/revistaministerio www.dsa.org.br/revistaelministerio Redação: ministerio@cpb.com.bi

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o sequinte endereco: Caixa Postal 2600 -70279-970 - Brasília DE

Assinatura: R\$ 52,10 Exemplar Avulso: R\$ 10,80



Editora dos Adventistas do Sétimo Dia Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34 18270-970 - Tatuí, SP



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer

meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: ?????? 5880/25956



Simplesmente Jesus

ascido em 1889, na Índia, Sadhu Sundar Singh, cresceu odiando o cristianismo. Adepto do sikihismo, ele extravasou intensamente esse ódio quando, aos 15 anos, queimou publicamente um exemplar que continha o evangelho. Porém, três dias depois, teve uma visão de Cristo e se converteu. Então, mesmo sendo adolescente, resolveu se tornar sadhu (pregador peregrino). Certo dia, Sundar Singh visitou uma faculdade hindu e foi abordado por um professor descrente, que tinha o evidente propósito de minimizar a fé vivida e anunciada pelo visitante. "O que você encontrou no cristianismo, que não tinha em sua antiga religião?", perguntou o professor. A resposta de Sundar Singh foi: "Agora, tenho Cristo." "Sim, eu sei", continuou o professor, "mas que princípios ou doutrinas você encontrou, que não tinha conhecido antes?" Singh respondeu: "Tudo o que encontrei foi Cristo!"

De fato, o centro do cristianismo é Jesus Cristo. Nas palavras de John Stott, Ele "é o centro da história, o eixo das Escrituras, o coração da missão". Ele é o todo e o tudo! Assim, muito mais que a simples aceitação de um conjunto de crenças, o cristianismo é, antes e acima de tudo, compromisso com uma Pessoa: Jesus Cristo. Por tudo o que envolveu Sua vida, Seu ministério terrestre, o sacrifício no Calvário, o repouso na tumba, a ressurreição vitoriosa e a ascensão ao Céu, Ele é o evangelho personificado; a boa-nova divina "para salvação de todo aquele que crê". É Senhor da nossa redenção.

Preexistente com o Pai, e sendo a segunda Pessoa da Divindade, Cristo é Senhor também da criação: "No princípio [Ele] era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dEle; sem Ele, nada do que existe teria sido feito" (Jo 1:1-3). "Pai e Filho empenharam-Se na grandiosa, poderosa obra que tinham planejado – a criação do mundo" (Ellen G. White, História da Redenção, p. 20).

Ainda de acordo com as palavras de Sttot, na carta aos colossenses (1:15-20), Paulo identificou Jesus como "o agente por quem todas as coisas foram criadas e agora estão sujeitas a Ele, e o herdeiro para quem todas as coisas foram feitas. Portanto, Ele é 'antes de todas as coisas' tanto no tempo como em posição. Ele é a cabeça do corpo – a igreja, e o primogênito entre os mortos, 'para que em tudo tenha a supremacia'. Pois Deus Se comprazia em ter toda a Sua plenitude habitando em Cristo e por meio de Cristo para reconciliar todas as coisas consigo, 'estabelecendo a paz pelo Seu sangue derramado na cruz". Em resumo, Jesus é "a cabeça suprema de duas criações: do Universo e da igreja" (O Incomparável Cristo, p. 61).

Entre outros assuntos, esta edição de Ministério lhe oferece mais uma oportunidade para reflexão sobre a Pessoa de Cristo, nos artigos de Ekkehardt Müeller e Milton Torres.

Zinaldo A. Santos



9 ESCOLHIDOS PARA ESTAR COM ELE

Reflexão sobre a importância da comunhão com Cristo e seus resultados no trabalho pastoral.

11 IGREJAS EMERGENTES

Teólogo analisa o desafio de um movimento que pretende evangelizar o mundo pós-moderno.

15 FONTE INESGOTÁVEL

Sugestões para tornar mais dinâmico e efetivo o estudo da Bíblia.

17 SALVADOR E CRIADOR

Uma resposta aos evolucionistas, tendo como base Colossenses 1:15-10.



24 REAVIVAMENTO E REFORMA ONTEM E HOJE

Através dos tempos, Deus tem chamado Seu povo a uma experiência mais elevada com Ele.

27 JESUS E O ESPÍRITO SANTO

Com base bíblica, o autor responde ao argumento de que Eles não são Pessoas distintas.

31 A ORAÇÃO DO CORPO

A importância do jejum na busca de reavivamento e reforma.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

> "O mundo ainda está para ver o que Deus pode fazer com, para, através de, em e por um homem plenamente consagrado a Ele." Henry Valey

O sermão que transforma



"Os pregadores proféticos necessitam falar clara e poderosamente sobre o que está errado e mostrar como retomar o caminho de volta a Deus"

por Derek Morris

alando aos discípulos, Jesus declarou: "Estas palavras que vocês estão ouvindo não são Minhas; são de Meu Pai que Me enviou" (Jo 14:24). Essa foi a marca de Seu ministério. Seus ensinos e Sua própria vida eram nada mais que uma poderosa proclamação da Palavra de Deus. Por isso, as multidões ficavam embevecidas. Conhecedor experimental do poder da Palavra, o apóstolo Paulo, escrevendo a Timóteo, aconselhou: "Pregue a Palavra" (2Tm 4:2).

Como pregadores, devemos ter em mente o fato de que o povo necessita ouvir a Palavra de Deus, não nossas opiniões. O que Deus tem a dizer é mais importante do que o que temos a dizer. Atualmente, temos ouvido muitos sermões que apenas tocam de leve a Palavra de Deus; o resultado é a falta de poder no púlpito e falta de transformação na igreja.

Priorizando a excelência de nossa pregação, Ministério entrevistou a teóloga Hyveth Williams. Ela é formada em Teologia pela Columbia Union College (1984), com mestrado em Divindade pela Universidade Andrews (1989) e doutorado em Ministério pelo Seminário Teológico da Universidade de Boston (1998). Atualmente, Hyveth é professora de homilética no Seminário Teológico da Universidade Andrews, nos Estados Unidos.

Ministério: O que é pregação profética?

Hyveth: Trata-se de uma forma biblicamente fundamentada de proclamação na qual o pregador exercita a autoridade divina da qual está investido como porta-voz de Deus. Quando falo de autoridade, refiro-me ao que Cristo tinha e que deixava "as multidões maravilhadas de Sua doutrina" (Mt 7:28). Embora o poder seja naturalmente derivado da autoridade, exercê-lo a bel-prazer é sempre perigoso e opressivo. Mas, quando o poder é dádiva da autoridade divina, ele é libertador e redentor.

Ministério: Isso é o que supostamente acontece com toda pregação bíblica. Mas, o que torna única a pregação profética?

Hyveth: Todo pregador bíblico deve exercer autoridade, mas a pregação profética destaca a justiça de Deus, de uma forma diferente e relevante para as necessidades dos ouvintes. Pregadores proféticos não estão preocupados em ser politicamente corretos. Eles estão prontos para confrontar com autoridade divina a injustiça em todas as formas e lugares. Cristo deu essa autoridade aos discípulos (Lc 9:1, 2). Os ouvintes podem identificar isso durante a mensagem, porque o mensageiro revela a santa ousadia de um cora

Ministério: Então, podemos concordar com Leonora Tisdale que, no livro Prophetic Preaching: A Pastoral Approach, diz que "pregação profética é contracultural e desafia o status quo".

Hyveth: Exatamente. Esse tipo de pregação não apenas desafia o status quo, mas oferece critérios bíblicos e teológicos para a atual condição humana, desde a escravidão individual ao pecado até os atuais clamores por liberdade ecoados em todo o mundo através de protestos massivos. Provê estratégias divinamente orquestradas sobre maneiras de sair do desespero com determinação e esperança.

Ministério: De que maneira a pregação profética está relacionada com a vida particular do ouvinte, e

não apenas com as preocupações sociais mais amplas?

Hyveth: O pecado generalizado está intimamente ligado à transgressão pessoal. De fato, o pecado generalizado começa na mente de alguém, muito antes de penetrar o sistema, poluindo-o e pervertendo-o. Por isso, é importante confrontar o pecado individual antes que ele finque raízes corporativas. Por exemplo, há uma definida ligação entre adultério e corrupção corporativa, porque alguém

"Necessitamos nos apresentar diante da comunidade e declarar: 'Assim diz o Senhor', de modo que as pessoas parem e ouçam o que temos a dizer"

que é infiel ao cônjuge muito provavelmente será desonesto no tratamento com outras esferas da vida. Os pregadores proféticos necessitam falar clara e poderosamente sobre o que está errado e mostrar como retomar o caminho de volta a Deus, nos âmbitos pessoal e corporativo.

Ministério: Quais são os passos que devemos dar no preparo de um sermão profético?

Hyveth: O primeiro passo é estudar e integrar a Palavra de Deus na mente e no coração. Isso precede o preparo de todo sermão, porque o pregador deve falar de um Deus pessoalmente conhecido por ele, para que possa ser amado por todos. Recentemente, estive estudando a passagem de 2 Timóteo 2:15, onde o apóstolo Paulo aconselha o jovem pregador a procurar se apresentar "a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade". Aqui, o sentido original de "procu-

rar" é "ser muito ativo", implicando algo mais do que estar simplesmente familiarizado com informações, mas buscar os nobres traços que distinguem os produtivos servos de Deus.

Ministério: Qual é o segundo passo? **Hyveth:** O pregador profético necessita examinar cuidadosamente a atual situação cultural, social ou religiosa, e colocar essa situação numa perspectiva bíblica. Para isso é preciso fazer algumas perguntas: Onde o povo errou? Quão longe do ideal de Deus ele tem se afastado? Qual é o papel que os líderes têm desempenhado nesse erro? Em 2006, o pastor batista Calvin Butts pregou um sermão intitulado "De torres e luzes", comparando a queda das torres gêmeas do World Trade Center em Nova York à história da torre de Babel em Gênesis 11. Ele mostrou como a atividade de líderes tem destruído a honra e diminuído a perfeição. Ressaltou que a linguagem da comunidade financeira tem sido confusa. Então, falou uma palavra do Senhor, chamando as pessoas a reinstalar a linguagem da santidade em todas as suas atividades. Esse foi um maravilhoso exemplo de pregação profética.

Ministério: Tisdale diz que a pregação profética requer que o pregador denuncie o que não é de Deus no mundo e anuncie a nova realidade que Ele trará no futuro. O que a senhora nos diz sobre a proclamação dessa nova realidade?

Hyveth: Nós temos uma mensagem especial a proclamar nestes últimos dias da história da Terra. Deus criou nossa família humana para viver com Ele eternamente. Temos nos afastado do Seu ideal, mas Deus planejou restaurar-nos à comunhão com Ele. Mais do que simplesmente informar, a pregação profética tem como objetivo redimir e transformar, levar as pessoas de volta a um relacionamento salvador com Deus. Não temos muito

tempo para voltar. Por isso, a pregação profética tem senso de urgência. O mundo está incendiando moral e espiritualmente. É tempo de o pregador profético se levantar e advertir os habitantes da Terra sobre o modo de escapar antes da conflagração final e lhes mostrar o refúgio que pode ser encontrado em Jesus Cristo, antes que Ele venha.

Ministério: Para a senhora, o que é mais impressionante na pregação profética?

Hyveth: A Bíblia diz que Jesus "ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas" (Mc 1:22). A pregação profética me impressiona porque nos desafia a falar com autoridade. Jesus disse: "Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra" (Mt 28:18) e partilhou essa autoridade com os discípulos para que fossem fazer discípulos de todas as nações. Muitos pregadores parecem ter perdido essa autoridade. Parecem mais preocupados em ser divertidos do que em ser mensageiros cheios do Espírito que falam com autoridade. Poucas gerações atrás, as pessoas viam os pregadores como importantes personagens de autoridade. Hoje, muitos são ignorados e apresentados na mídia como caricaturas ou gananciosos aduladores. Chegou o tempo em que devemos reclamar o dom da pregação profética. Necessitamos nos apresentar diante da comunidade e declarar: "Assim diz o Senhor", de modo que as pessoas parem e ouçam o que temos a dizer. Então, não lhes restará outra opção senão responder Àquele que nos chamou para proclamar a justiça e falar corajosamente contra o pecado.

Ministério: Em sua opinião, qual é a importância do exemplo do pregador profético para a credibilidade da mensagem proclamada?

Hyveth: Evidentemente, nem todos que foram chamados para pregar profeticamente serão como João

Batista, a respeito de quem Cristo mesmo disse: "Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista" (Mt 11:11). Entretanto, é essencial que o pregador profético mantenha um testemunho pessoal coerente com a mensagem. Da minha experiência pessoal, também posso dizer que Deus escolhe alguns vasos improváveis, mesmo quebra-

"Pregadores proféticos não estão preocupados em ser politicamente corretos. Com autoridade divina. confrontam a injustiça em todas as formas"

dos, para ser Seus mensageiros proféticos; mas esses devem experimentar uma entrega pessoal completa a Cristo como Salvador e Senhor. Isso significa que o pregador, ao ser tentado a comprometer um mínimo que seja em qualquer área da vida, está pronto a resistir. Significa também que, quando estiver pregando, ninguém estará cochichando: "Você precisa ver este homem em casa". Finalmente, significa que ele é extremamente fiel à elevada vocação com que Deus o agraciou.

Ministério: Quando olhamos a pregação profética, tanto na Bíblia como na História, parece que sempre houve um preço muito alto a ser pago ao se confrontar uma cultura que tem se distanciado de Deus. A senhora concorda?

Hyveth: Você está certo. Muitos daqueles que falaram por Deus acabaram sendo aprisionados, apedrejados, escarnecidos, torturados e crucificados (Hb 11). Isso é verdadeiro também nos dias de hoje. Um pregador do século 20, que me vem à mente, é Martin Luther King Jr. Outros que tiveram que pagar o preco são heróis e heroínas anônimos cujas identidades não conheceremos antes da vinda de Jesus. Em certa ocasião, Ellen G. White falou, como qualquer pregador profético deve falar: "Sei que o que digo me colocará em conflito. Esse não é meu desejo; pois o conflito parece ser incessante até o fim dos tempos; mas eu não posso viver covardemente nem morrer covardemente, deixando meu trabalho incompleto. Devo seguir os passos do meu Mestre." Esse é o meu sentimento. Algumas pessoas podem isolar você e dizer: "Não dê ouvidos a esse pregador maluco." Mas, Cristo disse: "Bem-aventurados serão vocês quando, por Minha causa, os insultarem, os perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês. Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a sua recompensa nos Céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês" (Mt 5:11, 12).

Ministério: O que a senhora gostaria de dizer ao pregador que, embora consciente da responsabilidade, teme o custo pessoal que a pregação profética possa ter?

Hyveth: A primeira coisa que eu diria é o seguinte: "Louve a Deus pelo fato de você não se sentir adequado para a tarefa." O pregador que não está assustado é que me preocupa. Corra do pregador cheio de presunçosa confiança própria e sentimentos de autopromoção. Esse pregador é um falso profeta. Quando você tem o senso da grandeza que representa a pregação profética, você está na boa companhia de pregadores como Jeremias e Isaías, que temeram na presença de Deus, mas foram em frente no cumprimento do dever de pregar de toda maneira e em todo lugar, dependendo inteiramente do poder de Deus. 🛭



A flor das etiquetas

Resgate de uma virtude que abrange mais que vestimenta e inclui homens e mulheres

ecentemente, Wend Shalit escreveu um livro intitulado *O Retorno à Modéstia: A Virtude Perdida*. A motivação para escrever esse livro surgiu quando a jovem autora se deparou com uma seita judaica que proibia o contato físico entre homens e mulheres, antes do casamento.

No entanto, o que mais a comoveu não foi a postura supostamente ultrapassada e pouco social de mulheres que mantinham o corpo todo coberto, resistindo a uma sociedade que atualmente se encontra impregnada com elementos sexuais. Ao contrário disso, Wend Shalit se viu espantada diante das amigas mais próximas que condenavam e discriminavam a modéstia revelada por essas mulheres.

Depois de empreender uma cuidadosa pesquisa em comunidades judaicas e islâmicas que se caracterizavam por manter elevado nível com respeito ao vestuário e ao comportamento sexual, Shalit chegou à conclusão de que a modéstia é um dom natural que as mulheres possuem. Segundo ela, a modéstia é uma excelente defesa que coloca a mulher fora do alcance de homens que não estão preparados para assumir um compromisso sério e que não estão dispostos a tratá-las com respeito.

As palavras de Shalit fazem eco à seguinte recomendação bíblica, feita pelo apóstolo Paulo: "Da mesma forma, quero que as mulheres se vistam modestamente, com decência e discrição, não se adornando com tranças e com ouro, nem com pérolas ou com roupas caras" (1Tm 2:9).

Desde o início, a comunidade cristã primitiva levou a sério a modéstia. Tertuliano, autor cristão do segundo

século, escreveu seis livros especialmente dedicados a esse assunto. Em um deles, recomendava que o cristão não se preocupasse tanto em vestir a toga, típica dos políticos romanos, mas preferisse o pálio, a roupa dos filósofos gregos.

Tertuliano também dedicou outro livro para expor conselhos sobre o modo como as moças solteiras deveriam se vestir. Finalmente, escreveu o livro *Modéstia*, cujo prefácio declara: "A modéstia é a flor das etiquetas, a honra de nosso corpo, a graciosidade dos sexos, a integridade de nosso sangue, a garantia de nossa descendência, a base de nossa santidade e o indício de que temos boa disposição." Certo cristão anônimo disse que "a modéstia é o forte que guarda o castelo e o quadro que destaca a pintura".

Portanto, existem boas razões para que nos vistamos com modéstia e recato. A modéstia faz parte da tradição cristã, embeleza a pessoa e protege nosso corpo da tentação e dos avanços de pessoas levianas.

No entanto, os princípios da modéstia não são a mesma coisa que uma série de regras legalistas impostas à mulher. Padrões de modéstia fazem parte da cultura de um povo e podem ser usados, com boa ou má fé, a fim de perpetuarem o domínio de certas pessoas sobre outras. Por isso, é preciso que a modéstia seja vista como reflexo de algo maior que a maneira de nos vestirmos, ou seja, deve incluir nossa fala e nossas intenções, bem como ser aplicada indiscriminadamente a homens e mulheres.

A modéstia começa no coração e, por essa razão, está sempre na moda diante de Deus. M



Evangelista e coordenador do ministério hispânico na Associação de Oregon, Estados Unidos

Escolhidos para estar com Ele

Os poderosos feitos realizados pelos discípulos foram resultado, não objeto, da comunhão com o Mestre

grejas e pastores estão constantemente perguntando a si mesmos: Como podemos crescer?" "Como podemos ser mais efetivos em nosso ministério?" Acredito que a resposta é a seguinte: "Jesus subiu a um monte e chamou a Si aqueles que Ele quis, os quais vieram para junto dEle. Escolheu doze, designando-os apóstolos, para que estivessem com Ele, os enviasse a pregar e tivessem autoridade para expulsar demônios" (Mc 3:13-15, NVI).

Há dois mil anos, Jesus chamou Seus discípulos e, pelo fato de que Ele ainda faz isso em nossos dias, devemos ter sempre bem clara a origem do nosso chamado. Devemos compreender que, a fim de sabermos para onde estamos indo, necessitamos saber de onde viemos. Ter conscientização plena de nosso chamado é algo especialmente importante em tempos difíceis, porque, algumas vezes, tudo o que você tem é o chamado. Mesmo quando não existem manifestações visíveis de sucesso, a certeza do chamado divino susterá você através das dificuldades

e diante de pessoas com as quais é difícil tratar.

O Deus que chama

Como a semente lançada ao solo, os resultados nem sempre são imediatos nem visíveis. Mas eles virão. Em algum lugar do país em que resido, certa igreja recebeu a visita de um representante do Campo local. Naquele sábado, havia apenas uma pessoa no templo. Entretanto, o pastor visitante pregou com entusiasmo e, a certa altura da mensagem, o solitário ouvinte pediu licença para ir ao banheiro. O pregador esperou que ele voltasse, então continuou o sermão. Evidentemente, esse é um caso extremo; porém, revela a extensão da dificuldade que um pastor pode experimentar. Caso você esteja passando tempos difíceis, não perca de vista a realidade do seu chamado

Eu tinha somente quatro anos de experiência pastoral, quando fui encarregado de pastorear uma pequena congregação. No primeiro dia em que a visitei, havia seis pessoas

presentes. A irmã que dirigia a Escola Sabatina deu as boas-vindas, apresentou o Informativo de Missões e fez quase tudo sozinha. A igreja ficava longe do lugar em que morávamos, era extremamente fria e, com um sistema precário de esgoto, exalava péssimo odor. A pequena cidade era um centro produtor de frutas e a sobrevivência de boa parte da população dependia da colheita.

Embora as perspectivas fossem desanimadoras, especialmente no sábado, vimos Deus operando maravilhosamente naquele lugar. Durante o pouco tempo em que ali permanecemos, pessoalmente experimentei o poder de Deus como em poucos outros lugares pude experimentar. A lição aprendida naqueles tempos difíceis foi muito simples: Deus age em todo lugar. Ali, pudemos testemunhar a conversão de muitos viciados, famílias reconciliadas, além do estabelecimento de um ativo grupo de jovens. Deus opera, mesmo que talvez não vejamos indicação disso. Ele não nos chamou para o fracasso.

Razão do chamado

É muito importante sabermos por que Deus nos chamou. Em primeiro lugar, Jesus chamou Seus discípulos "para que estivessem com Ele". Estou seguro de que os milagrosos feitos operados por aqueles homens aconteceram como resultado de profunda ligação com o Mestre. A pregação poderosa, os milagres de cura, expulsão de demônios e tantas outras ocorrências foram realizações extraordinárias, mas devemos perguntar a nós mesmos: Acaso podemos qualificá--las como a principal razão pela qual Jesus chamou Seus discípulos? A verdade é que elas foram resultado, não objeto, do ministério desenvolvido em comunhão com o Senhor.

Temo que, algumas vezes, em meio às estatísticas sobre o crescimento da comunidade da qual fazemos parte, corramos o risco de perder de vista o real propósito pelo qual Deus nos chamou. Às vezes, parecemos dar a impressão de que estamos mais interessados em contar ovelhas do que agradar o Espírito Santo. Sim, Ele nos chamou para que estejamos com Ele.

Desde os tempos mais remotos (e sempre será assim), Deus tem demonstrado intenso desejo de estar conosco. Isso é incrível, mas verdadeiro! O Deus do Universo é "apaixonado" por você e por mim. O propósito maior da criação e do ministério não é que empreguemos tempo trabalhando para Deus, mas trabalhando com Ele. Você se lembra de quando gastou tempo orando para encontrar sua companheira de vida? Lembra-se da expectativa? Dos pressentimentos? Lembra-se da satisfação sentida quando tudo se concretizou?

Certa senhora, acompanhada por um cavalheiro grisalho, aproximouse de um pregador e disse a ele: "O senhor está vendo este homem aqui? É meu marido há 40 anos, e nunca o amei." Que tragédia! Viver com uma pessoa a quem você não ama está no topo da categoria: "espero que isso jamais aconteça comigo". Contudo, pensemos um pouco. Aquela mulher era boa esposa. Nunca traiu o marido,

gastava tempo preparando comida para ele, lavando e passando as roupas dele, a fim de que se apresentasse bem. O casal recebia em casa convidados especiais, viajavam de férias e comemoraram aniversários juntos. Mas, faltava um componente-chave: o amor dela em relação a ele.

Poderia algo semelhante acontecer conosco? Acaso estamos tão ocupados tentando pregar sermões impressivos a respeito de Deus, levando restauração a muitos lares, combatendo em Seu nome o mal na sociedade, e falhando em nosso relacionamento pessoal com Deus?

Outros são chamados

É importante lembrar que outros discípulos iguais a você também foram chamados. Desde o princípio, Jesus procurou promover entre Seus seguidores o conceito de equipe. O ministério não é atividade executada por um *showman*, embora nele sempre tenha havido homens destacados. O ministério pastoral envolve comunidade, colegiado.

Observando rapidamente a personalidade dos discípulos, encontramos algo como uniformidade. Eles eram diferentes, e isso era muito bom. Havia entre eles representantes de variados antecedentes, condições sociais, políticas e profissionais. Havia um hebreu revolucionário e um simpatizante do poder romano. Um deles era questionador, outro falava muito e outro dificilmente falava. Alguns estavam mais interessados em posição do que na pregação, e outro estava interessado em vantagens. Qual foi a mensagem que Jesus estava tentando transmitir através dessas diferenças? A mensagem de que o ministério não sou eu nem você, isoladamente, mas nós.

Esse ministério realizado através de pessoas tão diferentes faz lembrar a arca de Noé. A arca tinha muitas características que reduziam o nível de conforto. Havia apenas uma janela e pares de animais presos dentro dela, durante um extenso período de tempo. Pequenos alojamentos po-

dem trazer à tona o pior das pessoas, e estou certo de que, embora Noé tivesse desenvolvido fé inabalável, algumas perguntas podem ter surgido na mente dele, enquanto olhava para fora da arca e visse seu antigo lar coberto pela água.

Ministrar às pessoas tem seus dias maravilhosos, mas também dias tempestuosos, depressivos, vazios. Administrar egos, tratar atitudes infantis, manter diálogo difícil com pessoas sensíveis, policiar tendências extremistas, tudo isso pode tornar desconfortáveis alguns dias e noites.

A realidade é que vivemos em uma sociedade polarizada e essa polarização algumas vezes invade a igreja. Abordamos as pessoas e com elas nos relacionamos, tendo como base os antecedentes delas e, muitas vezes, é mais fácil rotulá-las do que engajá-las. Contudo, essa não é a maneira de Deus trabalhar.

Agora, imaginemos o que representava para Noé ter que organizar milhares de animais em cada um dos mais de cem dias. O mau cheiro poderia ser suficiente para abater qualquer pessoa. A igreja e o ministério não são diferentes. As pessoas nem sempre chegam e permanecem fiéis ou verdadeiras. Às vezes, planejar é semelhante a dirigir um time de futebol. Todos os detalhes da tática são explicados pelo técnico, a equipe é treinada, mas fracassa no dia do jogo. Ajustes devem ser feitos, assim com devem ser testadas opções diferentes. Desconfio quando algum "especialista" diz que, se implementarmos algum princípio supostamente fácil, teremos a igreja com que sonhamos. Conseguir isso não é assim tão fácil.

Ainda pensando na arca de Noé, centenas de pessoas ajudaram a construí-la, mas apenas oito foram salvas. Isso nos diz que trabalhar para Deus nem sempre se traduz automaticamente em relacionamento salvador com Ele. Portanto, não nos esqueçamos de tornar as palavras do evangelista o objetivo primário de nossa vida: "Escolheu [aquelas pessoas]... para que estivessem com Ele." M



Professor de Teologia e diretor do Centro White de Pesquisa na Universidade Adventista del Plata.

Igrejas emergentes

Análise das características e dos riscos de um movimento supostamente evangelizador da cultura pós-moderna

vistas como a nova onda de culto

ência, podemos dizer que as igrejas emergentes são uma quarta etapa (1900-1960); (b) do carismatismo à "terceira onda" (1960-1980); (c) do movimento para o crescimento da igreja às megasigrejas (1980-2000); (d) das igrejas modernas às igrejas emergentes (2000-2010). Depois de tudo, "alguns historiadores religiosos consideram que representam a próxima onda de culto evangélico, após a expansão das megaigrejas dos anos 80 e 90".7

Nenhuma dessas etapas teve início realmente sem um período de gestação e preparação, assim como o Movimento da Santidade, na segunda metade do século 19, que aplainou o caminho para o pentecostalismo do século 20. Nesse sentido, alguns estudiosos veem nas igrejas emergentes expressões de aculturação no contexto pós-moderno, como haviam sugerido, há décadas, teólogos europeus como Dietrich Bonhoeffer, John Robinson, Harvey Cox e os teólogos da libertação latino-americanos.⁸

"A Bíblia é o padrão para auxiliar todo movimento que surge nestes tempos intrigantes da história da igreja"

> As manifestações desse movimento são absolutamente diversas, portanto, difíceis de definir e caracterizar. Alguns elementos visíveis são facilmente identificáveis: Manutenção de sites na internet, weblogs, bem como publicação de livros com diagramação moderna. A arte é promovida e, certamente, destaca-se o desenvolvimento místico e não a racionalidade cúltica. Em alguns casos, há um retorno à liturgia e às práticas medievais tomadas do catolicismo ou dos ortodoxos orientais: velas, incenso, leituras, meditação e oração sobre um texto bíblico.9

> Para Dan Kimball, líder do movimento, essa igreja "deve combinar hinos, iconografia, mantras,

cânticos beneditinos e obscuridade. Tudo isso porque, segundo ele, os pós-modernos desejam experimentar Deus com seus cinco sentidos". ¹⁰ Leonard Sweet, outro líder, afirma que a igreja emergente é experimental (experimenta Deus, com todos os sentidos), é participativa (mais que sermonear, promove a conversação e a interação), usa imagens (ícones, vídeos e filmes), e é comunitária. ¹¹

A ideia de "emergente" se relaciona com o surgimento de uma igreja destinada a "uma geração que tem pouco apego à igreja", isto é, pelo menos em um princípio, trata-se de uma igreja dirigida a jovens norteamericanos menores de 30 anos sem vínculo a nenhuma igreja. 12 Na verdade, essas igrejas poderiam ter qualquer nome, ou nenhum, porém, pelo menos nos primeiros anos, elas têm atraído pessoas do mundo evangélico. Atualmente, o movimento está causando impacto também nas igrejas da América Latina. Reconhecidos pensadores evangélicos, como René Padilla, o estão promovendo e publicando seus livros. Mervin Rivera comenta que as igrejas estão mudando, não apenas na música, mas na teologia e na maneira de interagir com a sociedade. A liturgia tende a substituir os hinos pelos corinhos, trocam o órgão por piano eletrônico, bateria e contrabaixo, e deixam de lado a condução tradicional do culto. Por exemplo, ninguém precisa se preocupar em ficar sentado ou em pé. A evangelização pretende ser leve e diferente, com diálogo, reflexão e respostas, atendendo integralmente as pessoas em suas necessidades físicas, emocionais e materiais.13

As congregações variam entre as relativamente numerosas (400 ou 500 pessoas) e pequenos grupos nos lares. Existem grupos que se reúnem semanalmente em algum bar; inclusive têm organizado um *Theology Pub*, onde a discussão de um tema bíblico é regada a um pouco de bebida alcoólica. Às vezes, são distribuídos protetores de ouvidos entre os participantes, por causa do intenso volume

da música. Outros simplesmente se reúnem em sótãos e garagens.

A informalidade é marca destacada, podendo a Santa Ceia ser celebrada como uma festa familiar, na qual as pessoas tomam vinho ou refrigerante e comem pastéis. Algumas igrejas oferecem pizza e têm seu próprio DJ. Em outros casos, o sermão é substituído por um videoclipe, seguido de debate. Leem-se poemas, e não são evitados temas polêmicos como, por exemplo, discriminação, homossexualidade e pornografia. Alguns focalizam o meio ambiente ou temas sociais.

Tudo parece descrever um movimento reacionário contra "os serviços aparatosos das mega-igrejas". Como disse Dan Kimball, "tudo o que lembre espetáculo os afugenta".14 Cansaram-se do show, da ambição, competição, busca de reconhecimento e, sobretudo, a falta de amor para com os necessitados. A ênfase dessas igrejas é dedicada aos relacionamentos. A aprendizagem está fundamentada nas narrativas, histórias simples, na imaginação e a "desconstrução" do dogma cristão. Na verdade, querem desconstruir e reconstruir a fé cristã. O que está claro é que doutrina e teologia têm perdido importância e que tudo o que pareça institucional lhes "cheira" mal. Estão desiludidos com a igreja organizada e rechaçam o tradicionalismo: liturgia rígida, hinos, instrumentos tradicionais como órgão, códigos para vestimenta, exclusivismo, estruturas. 15 O modelo administrativo adotado não é hierárquico nem pluralista. De acordo com Robert E. Webber, reconhecido líder do movimento de renovação litúrgica, "muitos estão iniciando grupos/igrejas portas adentro. A igreja emergente está nascendo de maneira subterrânea. Demos-lhe alguns anos, e veremos uma explosão". 16

O Ministério de Apologética e Investigação Cristã define a igreja emergente como "um movimento amplo, controverso, que busca usar abordagens culturalmente sensíveis para alcançar com a mensagem cristã a cultura pós-modernista, especialmente aquelas pessoas que não têm igreja".17 A Wikipedia define esse movimento como "um movimento cristão cujos participantes buscam viver a fé na sociedade pós-moderna emulando Jesus de Nazaré, independentemente das tradições religiosas cristãs".18 Eddie Gibbs, autor de um livro sobre o movimento emergente, diz: "Popularmente, o termo 'igreja emergente' tem sido aplicado a uma congregação de alto perfil, orientada aos jovens, que tem chamado a atenção por causa de seu rápido crescimento, sua habilidade de reter a população de 20 anos, seu louvor contemporâneo tomado de estilos musicais populares e que é promovida na subcultura cristã por meio de sites na internet e pelo diálogo."19

Estas são algumas características utilizadas para destacar os aspectos comuns da igreja emergente: (1) Tentativa e conscientização para alcançar os que se movem na mutante cultura pós-moderna; (2) Esforço para usar a tecnologia (vídeo, internet, imagens); (3) abordagem litúrgica marcada pelo uso de velas, ícones, imagens, sons, diferentes aromas; (4) abordagem global a alguns sistemas de crenças, algumas vozes contraditórias; (5) ênfase na experiência e nos sentimentos, acima das verdades absolutas; (6) concentração na edificação de relacionamentos interpessoais, acima da proclamação do evangelho; (7) rejeição do tradicionalismo litúrgico, disposição dos bancos, música, entre outros itens; (8) negação de verdades absolutas e credos doutrinários; (9) reavaliação do lugar da igreja cristã na sociedade atual; (10) revisão da Bíblia e seus ensinamentos.²⁰

Porém, o mais interessante é que essas igrejas "diferem quanto à teologia e ao método". 21 Atribuem muito valor às boas ações e ao ativismo social e político, já que a ênfase está colocada na criação do presente reino de Deus na Terra.

Os autores não estão de acordo no que se refere ao número de tipos

de igrejas emergentes. Ed Stetzer divide o movimento em três categorias: (1) Os relevantes, que buscam apresentar o mesmo evangelho de maneira compreensível à cultura pós-moderna, utilizando diferentes métodos de louvor, pregação, estrutura. (2) Os reconstrucionistas, que tomam o mesmo evangelho, porém reconstroem a igreja, promovendo, por exemplo, as "igrejas em casas". (3) Os revisionistas, que questionam e revisam a igreja e a compreensão do evangelho.22

O website "Unidos contra a apostasia" enumera alguns tipos de igrejas emergentes: Simples, sincera, privada, orgânica, remanescente, missionária, genuína, verde, cultura alternativa, livre, pós-moderna, doméstica, liberal, anônima, pós-protestante, neomonástica, comunidade intencional, contemplativa, entre outros. Acrescenta ainda que se trata de um movimento eclético, transdenominacional e sincrético, no qual são aceitas ideias budistas, islâmicas e o melhor de cada religião.²³

C. Weiss Daniels fez uma categorização de quatro tipos: (1) Modelo desconstrucionista, influenciado pela desconstrução pós-estruturalista relacionada com a filosofia de Derrida, Lyotard, Foucault e Caputo. É um modelo que adota o pós-modernismo em oposição ao modernismo e que frequentemente rejeita todo o institucional e denominacional. (2) Modelo pré-modernista, que volta ao estilo supostamente renascentista, com grande respeito pela tradição e por teólogos como Agostinho e Tomás de Aquino. Aqui, a igreja institucional é vista mais positivamente. (3) Modelo pacifista, do tipo anabatista, que proclama a não violência, o amor, cuidado dos pobres, uma espécie de ascetismo alicerçado em teólogos como Wittgenstein, Barth, Bonhoeffer, Yoder, McClendon e Murphy. Nesse caso, a igreja institucional não é vista com simpatia. (4) Modelo fundamentalista, ou ala conservadora, com uma hermenêutica conservadora e eclesiologia tradicional, porém, abertos a inovações na forma de evangelizar: reuniões em bares, uso de tatuagens e rock pesado. Essas igrejas devem se converter em megaigrejas.²⁴

"A ideia de 'emergente' se relaciona com o surgimento de uma igreja para uma geração que tem pouco apego à igreja"

Mais complexa é a classificação de dez tipos de igrejas emergentes, feita por Andrew Jones: (1) Comunidades com base na cultura, como igrejas em patins, sobre ondas, igrejas hip-hop e as igrejas de cultura alternativa com base nas músicas rock, gótica e punk. (2) Igrejas da geração X, pós-modernas e "emergentes", como modelo atrativo para jovens. (3) Ordens neomonásticas e comunidades intencionais, que propiciam as comunidades espirituais de fé. (4) Igrejas privadas, simples e orgânicas. (5) Igrejas cibernéticas e as comunidades virtuais subentendidas. (6) Igrejas de cultos alternativos, expressão leve, liturgia nova. (7) Igrejas em bares e cafeterias e outras do "terceiro espaço". Usam lugares baratos e acessíveis, em que ocasionalmente tomam bebida alcoólica e usam linguagem profana. (8) Movimento de oração contemplativa. (9) Cristãos que não vão à igreja, algumas vezes chamados de "cristãos sem igreja" ou "crentes não afiliados". (10) Empresas sociais conduzindo comunidades com sentido missionário.²⁵

Certamente, as igrejas emergentes são um desafio a toda postura conservadora. Mark Driscoll disse que "a igreja emergente é a última versão do liberalismo. A única diferença é que o antigo liberalismo se acomodava à modernidade e o novo liberalismo se acomoda à pós-modernidade".²⁶

Muitos estão preocupados com a tendência pós-modernista de colocar a verdade sob suspeita assim como a ideia reconstrucionista, que não está preocupada com a interpretação correta do texto bíblico, mas com a experiência e as preferências dos leitores. São inquietantes a rejeição à doutrina, o relativismo e a abertura indiscriminada.²⁷ Não há dúvida de que o movimento emergente estimula a reflexão profunda sobre a adaptação da igreja à cultura atual em métodos e formas, ao mesmo tempo que mantém sua identidade e sua mensagem. Como alguém expressou, "o movimento como um todo necessita aderir às verdades fundamentais da fé cristã".²⁸

Cristãos conhecidos, como David Wilkerson, têm expressado pesar por certas tendências das igrejas emergentes e estão convidando seus ouvintes a repassar algumas das advertências e admoestações bíblicas (Gl 1:7; 1Tm 4:1; Mt 24:24; At 20:28-31). Passagens como essas serão sempre oportunas para olhar criticamente esse e outros movimentos que estão surgindo nestes tempos peculiares e intrigantes da história da igreja.

Referências:

- ¹ http://edant.clarin.com/ diario/2004/03/05t-718928.htm, 05/03/2004, acessado em 21/07/2011.
- ² Ibid.
- ³ Ver D. A. Carson, Becoming Conversant With Emerging Church (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2005); Eddie Gibbs and Ryan K. Bolger, Emerging Churches (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2005); Doug Pagitt and Tony Jones (editores), An Emergent Manifesto of Hope (Grand Rapids, MI: Baker Books); The Emerging Church (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2003); Brian McLaren, Una Ortodoxia Generosa (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004).
- ⁴ http://verdaderavida.wordpress. com/2009/01/26/iglesia-emergente/, acesso em 21/07/2011.
- ⁵ Ibid.
- ⁶ Wolfgang Bühne, Explosión Carismatica: Um Análisis Crítico de las Doctrinas y Práticas de las Llamadas "Três olas del Espíritu Santo", (Terrassa, Espanha: Clie, 1994).
- ⁷ John Leland: "As chamadas igrejas 'emergentes' já são um *boom* nos Estados Unidos."
- Bietrich Bonhoeffer, El Precio de la Gracia (Salamanca: Sígueme, 1968); The Cost of Discipleship (Nova York: MacMillan Coimpany, 1963); Vida en Comunidad (Buenos Aires: La Aurora, 1970); John A. T. Robinson, Sincero para com Dios (Barcelona: Ediciones Ariel, 1967); Harvey Cox, El Cristiano como Rebelde (Barcelona: Fontanella, 1969); The Secular City: Secularization and Urbanization in Theological

- Perspective (Nova York: MacMIllan, 1966).
- 9 John Leland, *Ibid*.
- $^{\rm 10}\,\rm Sujetos$ a la Roca, "Cristianismo em crisis, iglesia emergente".
- 11 Ibid.
- 12 John Leland, Ibid.
- http://desarrollocristiano.com/articulo. php?id=2221, acesso em 21/07/2011.
- ¹⁴ http://www.miapic.com/qu%C3%A9-es-laiglesia-emergente, acesso em 21/-7/2011.
- ¹⁵ Ministério de Apologética e Investigação Cristã: "Que é a igreja emergente?"
- ¹⁶ John Leland, *Ibid*.
- ¹⁷ Ministério de Apologética e Investigação Cristã, *Ibid*.
- ¹⁸ http://es.wikipedia.org/wiki/iglesia_emergente, acesso em 21/07/2011.
- ¹⁹ Sujetos a la Roca, *Ibid*.
- Ministério de Apologética e Investigação Cristã. Ibid.
- ²¹ John Leland, *Ibid*.
- ²² Sujetos a la Roca, *Ibid*.
- http://elhogarcristiano.wordpress. com/2011/04/21/falsas-doctrinasel-movimiento-apostata-de-la-iglesiaemergente-o-iglesias-en-casas, acesso em 21/07/2011.
- ²⁴ http://entrecristianos.com/20080621458/ los-cuatro-tipos-de-iglesias-emergentes, acesso em 21/07/2011.
- 25 http://networkedblogs.com/p22675605, acesso em 21/07/2011.
- ²⁶ Sujetos a la Roca, *Ibid*.
- 27 Ibid
- ²⁸ Ministério de Apologética e Investigação Cristã, *Ibid*.



Fonte inesgotável

Por mais profundo que cavemos, ou quantas vezes façamos isso, ainda podemos explorar e achar pérolas escondidas nas Escrituras

uitos sermões e estudos bíblicos impressionam e edificam os ouvintes, não apenas pelo conteúdo e modo pelo qual a mensagem é transmitida, mas pelo dinamismo da apresentação. Por isso, é oportuno refletirmos sobre alguns princípios que ajudam a dinamizar mais ainda o estudo da Palavra de Deus.¹ Assim, a Escritura, que guarda preciosos tesouros para aqueles que os procuram com diligência, se tornará mais viva e eficaz para o estudante.

Faça perguntas certas

Em primeiro lugar, o item fundamental no estudo dinâmico da Bíblia é saber fazer as perguntas certas. As questões podem ser informativas, as quais requerem apenas a explanação dos fatos. Ao mesmo tempo em que são as mais simples, perguntas informativas também contribuem pouco para o aprofundamento da percepção bíblica. Aqui estão alguns exemplos: Quantos livros tem o Antigo Testamento? Com quantos anos morreu Matusalém? Quais livros foram escritos pelo apóstolo Paulo? Quais são os evangelhos sinóticos?

Mas as perguntas também podem ser interpretativas. Essas perguntas são cognitivamente superiores às informativas, porque demandam entendimento do que está sendo dito ou lido. Por exemplo: Qual é a diferença entre o livro de João e os evangelhos sinóticos? O que significa aceitar Jesus como Salvador e Senhor? Que semelhanças e diferenças existem nas três parábolas de Lucas 15?

Outra modalidade de perguntas que podem ajudar a dinamizar o estudo da Bíblia são as sensitivas, cuja finalidade é detectar como o aluno se sente. A vantagem é que as perguntas saem do nível cognitivo e lidam com aspectos sentimentais e emocionais da pessoa. Elas devem ser feitas, a fim de estabelecer aplicações apropriadas e específicas, ligando o mundo bíblico à realidade individual. Alguns exemplos: Depois de ter estudado o Salmo 23, de que modo você crê que pode experimentar Deus como o Pastor de sua vida? O fato

de ter Cristo como intercessor no santuário celestial faz diferenca em sua vida? Como? O estudo do Salmo 91 lhe transmite paz? Descreva seu sentimento a esse respeito.

Um estudo proveitoso e dinâmico da Bíblia precisa encontrar aplicação à vida pessoal, pois isso garante o desejo de continuar dedicando tempo e esforço à leitura dela. Por isso, existem as perguntas aplicativas, cujo objetivo é mostrar a utilidade do estudo, como se a pessoa estivesse indagando: De que maneira isso pode me ajudar na vida diária? Em que aspectos o estudo deste capítulo ou tema contribui para meu crescimento espiritual? Quais são as decisões que Deus espera que eu tome depois deste estudo?

Faça anotações

Em segundo lugar, o estudo dinâmico da Bíblia é enriquecido pelo hábito de anotar o que foi observado e descoberto em suas páginas. De fato, nossa percepção e compreensão clara do texto ocorrem quando registramos nossas ideias a respeito dele. Na verdade, "esta é a diferença entre ler a Bíblia e estudá-la."2 Quando lemos a Escritura, passamos os olhos nas passagens selecionadas; mas, quando a estudamos, tomamos nota daquilo que nos impacta. Além de possibilitar um aprendizado duradouro, essas notas podem se transformar em esboços para lições e sermões relevantes.

Atualmente, existem muitas facilidades tecnológicas para se tomar anotações. Elas podem ser feitas no IPhone, IPad, IPod, notebook ou no telefone celular. Entretanto, nada substitui o antigo hábito de fazer anotações na própria Bíblia, na Lição da Escola Sabatina, ou num caderno especificamente designado para essa finalidade. O importante é desconfiar da memória, não deixando escapar frases nem pensamentos que podem ser usados em outros momentos.

Valorize a aplicação

Em terceiro lugar, "o objetivo do

estudo bíblico é sua aplicação, não apenas a interpretação. Como dizia Dwight Moody, "a Bíblia não foi dada para aumentar nosso conhecimento, mas para mudar nossa vida".3

Isso não quer dizer que devamos privilegiar a aplicação da Bíblia em detrimento de sua interpretação. Uma boa explicação facilita uma aplicação adequada, além do que a abordagem meramente aplicativa pode abrir portas para heresias e ensinos superficiais. Contudo, gastar tempo e esforço para se tornar erudito nos temas bíblicos tem pouco proveito, se a Escritura não transformar nossa vida. Desse modo, o pastor necessita extrair a ideia central do conteúdo lido, explorando-o devidamente para aprender o que foi abordado. A partir dessa essência, é necessário encontrar modos apropriados de tornar o estudo relevante à própria vida, antes da aplicação dele à vida de outros.

Bruce Wilkinson lembra que, muitas vezes, "ficamos tão presos ao conteúdo, que nos esquecemos de que o propósito dele é operar mudança de vida. É só olhar para as congregações ou salas de aula para encontrar problemas e mais problemas. Drogas, alcoolismo, imoralidade, divórcio, filhos rebeldes, disfunções alimentícias, prioridades fora de lugar. A verdade parece não estar nos conduzindo à parte alguma".4

Tão importante quanto a interpretação do texto é a aplicação dele. E uma aplicação eficaz nada mais é do que a compreensão dos benefícios do conteúdo ensinado. Assim, o conteúdo sai do passado e se torna relevante, informando e transformando no presente.

Estude sistematicamente

O estudo sistemático da Bíblia é outro aspecto que contribui para seu dinamismo. Algumas pessoas querem estudar a Bíblia aleatoriamente e, ainda assim, desfrutar de sua riqueza e poder transformador. Porém, frequentemente, elas são desapontadas; porque o tesouro da Palavra está disponível apenas àqueles que dela se alimentam diariamente.

Somos instados a refletir nas palavras de Deus durante todo o tempo, em todo lugar e usando os mais variados recursos (Dt 6:4-9). Isso nos faz entender que o estudo sistemático é necessário para melhor aproveitamento, pois a natureza da Bíblia requer estudo reflexivo, o que não é possível se adotarmos o estilo rápido e casual. Como afirma Warren, "o estudo acidental da Palavra de Deus é um insulto à santidade da Escritura".5 Esse estudo sistemático implica em plano regular de leitura, seja qual for o método adotado, independentemente de se estudar cada livro, capítulo ou seção. Estudar a Bíblia de modo aleatório, fortuito, equivale a considerá-la um livro comum, indigno do melhor de nosso tempo e esforco.

Um estudo dinâmico da Bíblia jamais esgotará a riqueza das passagens da Escritura. Isaías fala a respeito da infinita superioridade dos pensamentos divinos em relação aos humanos (Is 55:8, 9). Então, considerando que a Escritura contém, na linguagem humana, pensamentos de Deus, devemos admitir que jamais teremos condições de exaurir sua riqueza. Contudo, isso não deve nos desestimular no estudo dela. Ao contrário disso, deve nos lembrar de que, por mais profundo que cavemos, ou quantas vezes façamos isso, ainda podemos explorar e achar pérolas escondidas nas mesmas histórias, parábolas ou exortações.

Finalmente, não devemos nos esquecer das atitudes sem as quais será inútil toda tentativa de compreender a Palavra de Deus: oração, meditação, fé e vontade pessoal.

Referências:

- Adaptado de Richard Warren, Bible Study Methods: Twelve Ways You Can Unlock God's Word (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2006)
- ² Ibid., p. 15.
- ³ Ibid., p. 16.
- ⁴ Bruce Wilkinson, As 7 Leis do Aprendizado: Como Ensinar Quase a Praticamente Qualquer Pessoa (Venda Nova, MG: Editora Betânia, 1998), p. 105
- ⁵ Richard Warren *Op. Cit.*, p. 17.



Diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica, Silver Spring, Estados Unidos

Salvador e criador

Ouem criou todas as coisas é plenamente capaz de reconciliar tudo através do Seu sangue vertido na cruz

> ocorreu... é um fato."2 "O maior feito de Darwin foi mostrar que a complexa organização e funcionalidade dos seres vivos pode ser explicada como resultado de um processo natural, seleção natural, sem qualquer necessidade de um Criador ou qualquer outro agente externo."3 Por outro lado, o cientista Cor-

nelius Hunter defende a seguinte posição: "Como então pode a evolução ser um fato, se nem mesmo a evidência positiva a apoia muito bem? A resposta é que a evolução é considerada fato porque os darwi-

nistas acreditam que têm refutado a alternativa da criação divina." "O darwinismo depende da religião, mas apenas para devastá-la como teoria oponente... À revelia, a evolução, se tornou o filtro explicativo para tudo o que observamos na natureza, não importando quão inadequado seja o ajuste."5

Arthur Peacock, teólogo e cientista inglês, tem posição diferente. Ele diz: "A morte biológica já não pode ser considerada de forma alguma consequência de qualquer coisa que os seres humanos supostamente

m 2009, pessoas de todo o mundo celebraram o bicende la tenário do nascimento de la tenário de la tenár Charles Darwin e os 150 anos da publicação de seu mais importante livro A Origem das Espécies. Aqui estão algumas opiniões sobre o debate evolução versus criação e sobre conceitos relacionados, como a queda do homem. As declarações seguintes foram feitas por pessoas que se consideram cristãs:

Francisco Ayala, cientista e filósofo, escreveu: "A evidência para evolução é esmagadora..."1 "Que a evolução tenham feito no passado, pois a história evolutiva mostra que ela é o próprio *meio* pelo qual eles apareceram... A interpretação tradicional do terceiro capítulo de Gênesis sobre a histórica 'queda', um ato de nossos progenitores tido como explicação para a morte biológica, tem que ser rejeitada... Não houve era de ouro, nem passado perfeito, nem 'Adão' e 'Eva', indivíduos que tiveram no passado comportamento perfeito, mas decaíram, dos quais descenderam todos os seres humanos."

O teólogo Christopher Southgate fala a respeito do que classificou "espúrio e igualmente não científico apelo de uma queda histórica".7 A filósofa e teóloga Patrícia Williams "opõe-se à narrativa da queda... Da perspectiva dela, tal narrativa é uma interpretação errada dos capítulos 2 e 3 de Gênesis, que também foram mal interpretados por Paulo, a fim de providenciar e justificar o 'desastre' do qual Cristo é apresentado como nosso 'Redentor'".8 Pelo menos isso é bastante claro com respeito às implicações: se não houve criação, não houve queda, e a vinda de Jesus não significa salvação do pecado para a humanidade. Muitos cristãos estão sendo contraditórios, crendo em Jesus como Salvador, mas negando-O como Criador.

Hino cristológico

Agora, deixemos de lado essas opiniões e ouçamos as Escrituras. Em Colossenses 1:15-20, encontramos um dos maravilhosos hinos de Paulo sobre Jesus Cristo: "Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nEle, foram criadas todas as coisas, nos Céus e sobre a Terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dEle e para Ele. Ele é antes de todas as coisas. NEle, tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, porque aprouve a Deus

que, nEle, residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da Sua cruz, por meio dEle, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a Terra quer nos Céus."

A cidade de Colossos ficava a aproximadamente vinte quilômetros de Laodiceia e a 26 de Hierápolis. Está soterrada sob um monte, sem que nada tenha sido construído sobre as ruínas. Apesar disso, não tem sido escavada.

A igreja cristã de Colossos provavelmente tenha sido fundada por Epafras. Ali também aconteceu o famoso episódio envolvendo Filemom e seu fugitivo escravo Onésimo que foi convertido por Paulo em Roma. Ali a igreja lutava contra falsos ensinamentos. Não sabemos a natureza precisa da heresia ali existente, mas podemos reconhecer alguns elementos dela, observando a refutação de Paulo. A carta aos colossenses descreve Jesus nos mais elevados termos. Portanto, a heresia deve ter minimizado a preeminência de Cristo.

Em Colossenses 2:8, Paulo adverte contra "filosofia e vãs sutilezas", o que pode apontar componentes helenísticos nessa heresia. De acordo com o verso 18, anjos estavam sendo adorados. "Rudimentos do mundo" são mencionados nos versos 8 e 20. Formas extremas de ascetismo associadas com experiências místicas podem ter sido observadas (Cl 2:16) e, finalmente, ela pode ter contido elementos judaicos tais como circuncisão (Cl 2:11; 3:11) e referências a festas (Cl 2:16). Paulo também mencionou "tradição dos homens". Provavelmente, o falso ensinamento fosse uma mistura de ideias pagãs e judaicas.

Como ajudar a igreja? A luta de Paulo pelos colossenses é reconhecível desde o início da carta, ao ele falar sobre a verdade (Cl 1:5, 6), a instrução fiel ministrada por Epafras (v. 7) e seu próprio desejo de que os cristãos colossenses pudessem crescer no conhecimento de Deus (Cl 1:9, 10). A solução para o problema com a

heresia é encontrada em Jesus, correta compreensão de Sua natureza e Seu ministério, e no estilo de vida seguindo o exemplo do Mestre.

Depois de breve saudação na abertura da carta, Paulo expressou gratidão a Deus e oração pela igreja (Cl 1:3, 4). O parágrafo termina com a reafirmação da certeza da salvação e a segurança de perdão para os pecados (Cl 1:13, 14). De que maneira essa redenção se tornou possível? Através de Jesus. No mencionado hino, Paulo se demora em Jesus, louvando Sua obra e supremacia (Cl 1:15-20). Quem criou todas as coisas é capaz para reconciliar tudo através do Seu sangue vertido na cruz. No centro do hino (v. 17, 18), encontra-se a ênfase no fato de que "nEle, tudo subsiste". Tudo depende dEle e Seu cuidado.

Esse hino descreve toda a abarcante grandeza de Jesus como criador, mantenedor e redentor de todo o cosmos. Esses aspectos da obra de Jesus não podem ser separados.

Jesus criador

O Novo Testamento adiciona uma única dimensão ao tema da criação no Antigo Testamento. Estamos acostumados a ter em vista os dois Testamentos, quando tratamos de um ensinamento bíblico. Isso é bom. Mas, imagine que somente tivéssemos o Antigo Testamento. O que ouviríamos sobre criação seria impressivo, pois estaríamos informados de que Deus criou tudo, incluindo a humanidade. Essa criação foi recente, alguns mil anos atrás, e aconteceu em uma semana de seis dias. Depois, a queda mudou não apenas o relacionamento da humanidade com Deus, introduzindo a morte, mas também alterou todo o ecossistema.

Entretanto, sem o Novo Testamento, alguns aspectos da criação não seriam completamente claros. Embora o Antigo Testamento fale amplamente de Cristo como criador, é o Novo Testamento que detalhadamente fala dEle, plenamente humano e divino, como criador de todas

as coisas (Jo 1:3; Cl 1:15, 16; Hb 1:2, 10). Esses textos excluem Jesus do âmbito das criaturas. Seu papel não é limitado em nos trazer salvação. Ele também nos criou e tem interesse pessoal em cada um de nós. Além disso, a perspectiva cósmica, que inclui mais do que a criação diante de nós, é claramente detalhada no Novo Testamento.

Jesus também nos deixou afirmações sobre a criação; por exemplo, quando Ele disse que o sábado foi feito para a humanidade (Mc 2:27, 28), ou quando confirmou o relato da criação: "...desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher. Por isso, deixará o homem a seu pai e mãe e, com sua mulher, serão os dois uma só carne" (Mc 10:6-8). Em outro lugar, ele falou sobre "o mundo, que Deus criou" (Mc 13:19). Também mencionou Abel, filho de Adão e Eva, como alguém real que viveu na Terra (Mt 23:35).

Os autores do Novo Testamento seguiram o exemplo de Jesus e repetidamente ligaram criação, queda e salvação. Uma coisa depende da outra. Se não houve criação, não há salvação. De acordo com o último livro da Bíblia, nos últimos dias, o povo de Deus chamará a humanidade para adorar a Deus como criador.

Voltemos ao texto em análise e vejamos o que ele diz a respeito de Jesus. As várias frases estão relacionadas com o conceito de criação.

A imagem de Deus. "Ele é a imagem do Deus invisível" (Cl 1:15). Os versos 13 e 14 indicam claramente que estamos falando de Jesus. Que Ele é a imagem de Deus significa que, de alguma forma, o invisível Deus que nos criou e salvou, Se tornou visível e Se moveu em nossa esfera. Como participante da natureza de Deus, Cristo, na forma humana, revelou perfeitamente Deus.

Primogênito de toda a criação. Jesus também é o primogênito de toda a criação. Esse texto tem sido frequentemente mal compreendido. De que maneira a Escritura entende o termo primogênito? Um primogênito humano desfrutava os direitos da primogenitura (Gn 43:37) e tinha direito a "porção dobrada" da herança (Dt 21:16, 17). O filho primogênito de um rei recebia o reino (2Cr 21:3). Os chefes das tribos de Israel eram primogênitos (1Cr 5:12).

Entretanto, em muitos casos, indivíduos que originalmente não pertenciam à categoria dos primogênitos foram considerados primogênitos. Por exemplo, Manassés foi o primogênito (Gn 41:51), mas Efraim, o segundo filho, tomou o lugar dele (Gn 48:20; Jr 31:9; cf. 1Cr 26:10; Êx 4:22).

Mais luz nos vem do Salmo 89. Ele descreve a longanimidade e fidelidade de Deus, que tinha feito concerto com Davi e prometido que seu trono duraria. Falando sobre Davi, Deus diz: "Também o nomearei Meu primogênito, o mais exaltado dos reis da Terra" (Sl 89:27, NVI). Davi, que era o oitavo filho de Jessé (1Sm 16:10, 11), foi feito primogênito. O significado disso é explicado na segunda parte do verso. Como primogênito, ele seria o mais exaltado dos reis. O concerto foi cumprido no Messias, o Filho de Davi. Salmo 89:27 não se refere ao nascimento cronológico, mas enfatiza a qualidade especial, dignidade e autoridade do primogênito.

Na carta aos colossenses, o assunto não é se Jesus foi criado ou não; mas que Ele é o Ser através de quem a criação aconteceu: "NEle foram criadas todas as coisas" (v. 16). Se Ele criou todas as coisas, não foi criado. Também não diz que Ele nasceu na eternidade passada. O apóstolo compara "o primogênito de toda a criação" (v. 15) com "o primogênito entre os mortos" (v. 18). Assim como Jesus é o primogênito da criação, também é o primogênito dos mortos. Porém, não é o primogênito dos mortos no sentido temporal. Outras pessoas ressuscitaram antes dEle. Ele foi o primeiro no sentido de que todas as ressurreições, passadas ou futuras, dependem de Sua ressurreição, sem a qual nenhuma outra ressurreição é possível.

O verso 18 mostra o significado de Jesus como primogênito, ou seja, "para em todas as coisas ter a primazia". Assim como no Salmo 89, aqui também, ser "primogênito" está associado à exaltação como supremo Rei e Governador do Universo. Ele é o Rei da criação, e o Rei da ressurreição. Criação e ressurreição somente foram possíveis através dEle.

Criador de todas as coisas. O verso 16 começa e termina com a declaração de que todas as coisas foram criadas por Ele e através dEle. A lista de realidades criadas, no verso 16, é inclusiva e apresenta um quadro cósmico: céus e Terra, o visível e o invisível, governantes e autoridades. Isso não deixa lugar para a ideia de que Jesus seja parte do mundo criado. Ele criou não apenas este mundo com seu sistema solar, mas todos os poderes e autoridades. A tudo Ele é superior.

"Os autores do Novo Testamento e Jesus ligaram criação, queda e salvação. Uma coisa depende da outra. Se não houve criação, não há salvação'

Preexistente. Jesus "é antes de todas as coisas" (v. 17). Essa declaração se refere à Sua preexistência. Ele não apenas vivia antes da encarnação, mas também existia antes de todas as demais coisas. Por mais longe que possamos voltar na eternidade, jamais haverá um tempo em que Cristo não existisse. Ele não é criado nem nascido, mas é o Deus criador.

Mantenedor. Cristo é o mantenedor (v. 17). Tudo o que foi criado é mantido por Ele. O verbo indica contínua atividade de Jesus, mantenedora de todas as coisas. Em todos os tempos, mesmo durante a encarnação, Ele manteve Sua criação. Sem essa "contínua atividade, tudo se desintegraria". 9 "Nenhuma criatura é autônoma." ¹⁰

O princípio. No verso 18, Jesus é chamado de "o princípio", o regente. Na carta aos colossenses, Paulo usou várias vezes a palavra "princípio", no sentido de "soberano" (Cl 1:18; 2:10, 19). O conceito de que Jesus é a cabeça do corpo, a igreja (v. 18; 2:19) é ampliado em Colossenses 2:10. Ele está acima de todo soberano ou autoridade terrestre. Está assentado à direita de Deus (Cl 3:1).

Primazia em todas as coisas.

Aquele que criou e mantém todas as coisas terá supremacia sobre elas. Isso inclui "o último grande inimigo da humanidade, pecado e morte".¹¹

Toda a plenitude nEle. Colossenses 1:19 atribui plenitude a Jesus Cristo. O significado disso é desenvolvido posteriormente: "Porquanto, nEle, habita corporalmente, toda a plenitude da Divindade" (Cl 2:9). A própria essência da Divindade é encontrada em Jesus, mesmo no Jesus encarnado. Portanto, Ele tem a capacidade de criar por Sua palavra e trazer tudo à existência.

O reconciliador. A reconciliação através de Jesus Cristo é abordada no verso 20 e aplicada aos cristãos (v. 22). A atividade salvadora do Pai (Cl 1:13) e a atividade salvadora do Filho se referem à mesma realidade. Essa reconciliação envolve toda a criação. Jesus, o Deus criador é também o Deus salvador. "Ele efetua uma reconciliação universal, e… exerce reinado universal." ¹²

Cristo no centro

Essa maravilhosa descrição de Jesus O enfatiza como criador. Ao mesmo tempo, Ele é Mantenedor e Salvador. No hino mencionado e seu contexto, Paulo seguiu o relato do Gênesis, desde a criação (Gn 1, 2), a queda (Gn 2) e a promessa de salvação (Gn 3:15).

Os conceitos de criação e salvação estão inseparavelmente ligados. Portanto, é ilógico renunciar Jesus como criador ou reinterpretar Sua atividade criadora em um processo evolutivo e ainda mantê-Lo como Salvador. É contraditório dizer que Jesus nos salvou através de Sua morte, uma vez por todas, na cruz, um evento curto na história, e argumentar que Ele nos criou através de um processo que durou milhões ou bilhões de anos e envolve a morte como mecanismo fundamental.

Além disso, o poder criativo de Jesus é visto no fato de que Seus seguidores são espiritualmente recriados (Ef 2:10; 2Co 5:17) e que Jesus criou Sua igreja (Ef 2:15). Em Apocalipse 21 e 22, lemos a respeito de novos céus e nova Terra. Nenhum desses processos criativos, dependentes do sacrifício de Cristo na cruz, requer um processo evolutivo.

Por outro lado, se é verdade que Jesus é o criador, Ele devia saber o processo por meio do qual consumou a criação. Suas palavras têm um peso que sobrepuja todo conhecimento humano. Sabendo que Jesus é o criador, não podemos falar sobre criação e problemas relacionados à fé e ciência, sem levá-Lo a sério. E temos que fazer uma decisão: (1) aceitar o ensino bíblico sobre criação, (2) reinterpretá-lo ou (3) renunciá-lo completamente. Para algumas pessoas, especialmente as que estão envolvidas na comunidade científica, essa pode ser uma decisão difícil. Parece que têm que escolher entre fé e ciência e não querem deixar nenhuma nem a outra. Mas, acima de tudo, essa é uma decisão em favor ou contra Jesus, porque Ele é Criador e Salvador, de acordo com o testemunho bíblico.

Lembro-me de ter ministrado uma série de estudos bíblicos a uma dotada senhora, bióloga, que teve o privilégio de participar de uma expedição à Antártica, organizada pelo governo alemão. Estudando plâncton, ela decidiu crer no criacionismo. Convidei-a então para falar aos estudantes de uma das nossas universidades e tivemos a exposição de um poderoso testemunho.

A decisão de seguir o testemunho bíblico e o exemplo de Jesus pode significar remar contra a maré. Adicionado a isso, significará conviver com muitas questões (como também acontecerá com a decisão contrária), porque não temos todas as respostas para os mistérios das origens. Portanto, deve ser uma decisão fundamentada na fé, confiança na autorrevelação de Deus em Sua Palavra. Pessoalmente, considero essa opção a melhor alternativa.

Oro para que nos firmemos na decisão de aceitar Cristo como criador e salvador, nela permanecendo mesmo nos tempos mais desafiadores. Possamos nós experimentar a alegria de segui-Lo. Afinal, "nEle, foram criadas todas as coisas, nos Céus e sobre a Terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dEle e para Ele. Ele é antes de todas as coisas. NEle, tudo subsiste... porque aprouve a Deus que, nEle, residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da Sua cruz, por meio dEle, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a Terra, quer nos Céus". 🔊

Referências:

- ¹ Francisco J. Ayala, Darwin and Intelligent Design (Minneapolis: Fortress Press, 2006), x.
- ² Ibid., p. 73.
- ³ Ibid., p. 19.
- ⁴ Cornelius G. Hunter, *Darwin's Proof: The Triumph* of *Religion over Science* (Grand Rapids: Brazos Press, 2003), p. 10.
- ⁵ Ibid., p. 11.
- ⁶ Arthur Peacock, Theology for a Scientific Age: Being and Becoming – Natural, Divine and Human (Oxford: Blackwell, 1993), p. 222, 223.
 ⁷ Ibid. p. 132
- 8 Christopher Southgate, *The Groaning of Creation: God, Evolution, and the Problem of Evil* (Louisville: Westminster John Knox Press, 2008), p. 29.
- ⁹ Peter T. O'Brien, Colossians, Philemon, Word Biblical Commentary 44 (Waco: Word Books, Publisher, 1982), p. 47.
- ¹⁰ N. T. Wright, Colossians and Philemon, Tyndale New Testament Commentaries (Grand Rapids: Wm B. Eerdmans Publishing Company, 1991), p. 73.
- ¹¹ Ibid., p. 74.
- ¹² Charles H. Talbert, Ephesians and Colossians (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2007), p. 197.



Diretor do Instituto de Evangelismo da Divisão , Norte-Americana

O **Espírito** em minha vida

Devemos buscar o poder do Consolador, na certeza de que Deus no-Lo enviará, pois assim prometeu

uando eu era jovem, assisti a um culto carismático em uma igreja no subúrbio de minha cidade. Tendo crescido em uma denominação protestante conservadora, suspeitei que a experiência poderia ser muito diferente do que eu estava acostumado, mas eu estava pronto para uma nova aventura.

O culto era muito barulhento e transcorria livremente. Pareceu-me desordenado, limitando com o sacrílego. Lembrei-me de que estava ali para observar e aprender, e não para criticar. Pessoas espalhadas por todo o santuário oravam fervorosamente pelo Espírito Santo. Algumas oravam em pé, outras caminhando agitadamente, algumas oravam sentadas ou mesmo deitadas no chão. Também havia quem falasse línguas estranhas. O líder do culto era o mais barulhento, aproximando-se das pessoas e colocando uma das mãos sobre elas, tocando-as levemente, enquanto segurava uma Bíblia com a outra mão. Eventualmente, tendo voltado

à calma, cantávamos um hino e eu saía com muitas perguntas na mente.

Anos depois, tive oportunidade de fazer estudos pessoais e acadêmicos sobre o trabalho do Espírito Santo em nossa vida. No mundo cristão, há uma grande ansiedade por receber o Espírito e Seu poder. Hoje, o moderno movimento pentecostal/carismático está em sua terceira onda, ou fase,¹ e tem mais de 600 milhões de adeptos no mundo. Em apenas um século, ele tem crescido em velocidade mais rápida do que a igreja primitiva do Novo Testamento. As igrejas pentecostais ou carismáticas respondem por praticamente 90% de crescimento da igreja cristã no terceiro mundo, hoje.

Existem muitas importantes perguntas sobre o movimento carismático, tais como: Quando o Espírito vem ou como Se manifesta na vida do crente? Porém, eu gostaria de considerar outra pergunta: Quais são as condições que a Bíblia apresenta para que alguém receba o Espírito? Embora a lista possa variar em número, encontrei sete condições no Novo Testamento, quatro das quais serão analisadas nesta que constitui a primeira de duas partes deste artigo.

Arrependimento

"Ouvindo eles estas coisas, compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos? Respondeu--lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo" (At 2:37, 38).

O arrependimento é a primeira condição, porque sem ele, nenhuma outra importaria, mesmo que fosse completamente preenchida. A palavra utilizada na Bíblia implica "mudança radical, moral e integral da pessoa, deixando o pecado e se voltando para Deus". ² Isso não significa simplesmente mudar nossa mente em relação à direção em que estamos indo, conforme compreendem muitos cristãos, mas é uma renúncia radical do que somos e fazemos.

Não se trata, por exemplo, de um garoto de oito anos ajoelhado com a mãe, junto à cama antes de dormir, orando: "Papai do Céu, me perdoe por todos os meus pecados", sem a noção de quais são esses pecados. O contexto do sermão de Pedro é claro: os ouvintes necessitavam se arrepender do ato de haver rejeitado e crucificado o Salvador (v. 22, 23). Isso é arrependimento da descrença naquilo que Jesus é capaz de fazer por nós, e que foi a razão de Sua pregação: "Arrependei-vos e crede no evangelho" (Mc 1:15). O arrependimento aqui referido significa total despojamento de quem nós somos em vista do que Jesus é, de Seu grande amor e Seu sofrimento por nós, apesar de nosso pecado.

A Bíblia nos fala sobre o que produzirá o arrependimento transformador da vida: exposição ao amoroso e bondoso caráter de Deus. "Ou desprezas a riqueza de Sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento" (Rm 2:4). Por isso, é absolutamente imperativo que contemplemos Jesus todos os dias. Devemos nos assentar aos Seus pés e meditar em Seu amor e bondade para conosco. Unicamente essa experiência nos levará ao genuíno arrependimento, aquele que leva uma pessoa a se entregar inteiramente. O tipo de arrependimento que nos leva à renúncia de nós mesmos e nos conduz aos braços de Deus, sabendo muito bem que não merecemos nada do que Ele fez por nós. Então, somos reduzidos a nada, diante desse amor.

Alguns anos atrás, quando eu ensinava em uma universidade cristã, certa manhã bem cedo, fui ao meu escritório para pesquisar. Casualmente, meus olhos pousaram em um parágrafo do bem conhecido clássico sobre a vida de Jesus, O Desejado de Todas as Nações. O texto fala do sacrifício de Jesus por mim; do brutal abuso que Ele sofreu por mim: Sua cabeça, Suas mãos e Seus pés feridos.

Menciona "a indizível angústia" que encheu a alma de Cristo "ao ocultar-se dEle a face do Pai", por causa do meu pecado. Então, no crescendo de uma realidade dolorosa, apontava o dedo literário para mim: "É por ti que o Filho de Deus consentiu em carregar esse fardo de culpa; por ti Ele destruiu o domínio da morte, e abriu as portas do Paraíso." 3

Não me foi possível terminar a leitura. Comecei a chorar muito. Tentei terminar de ler, mas não podia ver as letras. Meus olhos se transformaram no leito de um rio de tristeza e dor mescladas com alívio. Caí de joelhos, e orei em voz alta: "Por que, Senhor, por que o Senhor me ama tanto? Quem sou eu, para que o Senhor Se entregasse por mim?" Naquela manhã, chorei copiosamente. O amor do meu Salvador, Mestre e Senhor me foi apresentado de maneira que eu nunca havia compreendido antes. Durante anos, eu havia sido pastor e professor de Bíblia. Cresci em um lar cristão, exposto ao trabalho de Cristo em favor dos pecadores. Levei centenas de pessoas aos pés da cruz. De fato, eu já tinha lido aquele parágrafo algumas vezes; mas, naquela manhã, as janelas do Céu foram abertas deixando passar um intenso fluxo de luz sobre a graça de Deus, como eu jamais havia percebido.

Naquele chão, permaneci quase uma hora, chorando por haver causado Sua morte, por ter vivido tanto tempo sem ter apreciado plenamente o que Ele fez em meu favor; por haver brincado com o pecado, sem avaliar o que este Lhe causou. Como poderia o Deus do Céu, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, a quem devemos todas as coisas, desde nossa primeira respiração até a vida eterna, ter entregado Sua vida, Seu tudo, por mim?

Como você pode imaginar, minha entrega a tal amor foi inevitável. Meu arrependimento foi profundo, porque o amor de Deus foi profundamente percebido. O Espírito de Deus invadiu meu coração naquela manhã de maneira forte demais para ser esquecida

Confiança implícita

"Para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido" (Gl 3:14).

Há diferença entre crer e confiar. Enquanto confiar está relacionado com avançar fundamentados na certeza das convicções, crença é apenas assentimento intelectual. Uma pessoa pode necessitar ir ao supermercado à meia-noite e crer que ele provavelmente esteja aberto. Mas, a fé nessa crença somente se torna confiança quando ela toma o carro e dirige até o local. Então, a pessoa está fazendo alguma coisa sobre a crença.

Na Bíblia, fé é sempre confiança; jamais é simples assentimento intelectual. Quando minha filha tinha três anos, caminhávamos por uma trilha e eu resolvi colocá-la sobre uma árvore à altura dos meus ombros. Então, abri os braços e disse: "Stefani, abra seus braços, não olhe para você e caia sem dobrar os joelhos. Papai vai pegar você." Ela fez tudo isso em um segundo, sem hesitar. E mais: gostou tanto que resolveu repetir a experiência. Isso é confiança.

Confiança é uma condição para recebermos o Espírito de Deus em nossa vida. Muito frequentemente, as pessoas procuram sinais e maravilhas, alguma coisa superpoderosa e sobrenatural, indicadora de que, finalmente, o Espírito Santo chegou. Porém, simplesmente devemos crer que Deus enviará o Espírito, porque essa é a promessa que Ele fez. Confiança é nos prendermos ao que Deus disse, mesmo quando somos incapazes de perceber qualquer evidência externa dos fatos.

Oswald Chambers, autor de *Tudo Para Ele*, era professor de filosofia quando ouviu F. B. Meyer falar sobre o Espírito Santo. Daquele dia em diante, Chambers buscou zelosamente, durante quase quatro anos, o derramamento do Espírito Santo em sua vida. Entretanto, sentia-se frustrado porque aparentemente nada extraordinário acontecia. "Eu estava ficando muito desesperado",

ele escreveu, "sabia que ninguém tinha o que eu queria." Até que, certo dia, enquanto lia o texto de Lucas 11:13, ele decidiu tomar Deus pela palavra, clamou muitas vezes o dom do Espírito para a vida dele.4

Recebemos o Espírito, pela fé, sem a necessidade de esperar qualquer manifestação sobrenatural. Assim, enquanto você reúne as várias condições apontadas na Escritura, clame pela promessa do Espírito em sua vida. Agradeca a Jesus Cristo o dom do Espírito e a boa vontade do Céu para encher você com a abundância do Seu amor, Sua graça e Seu poder. Então, ajoelhe-se dizendo para você mesmo que, neste dia, o Espírito Santo está no controle de sua vida, não porque você sinta algo fora do comum a respeito disso, mas porque Ele disse que é assim.

Obediência

"Nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que Lhe obedecem" (At 5:32).

Na Bíblia, fé e obediência andam de mãos dadas. Se você ama a Deus com todo o seu coração, obedecerá a Seus mandamentos, por que confia nEle. Se você obedece a Jesus com todo o coração, isso acontece porque você O conhece bastante para confiar nEle. "Se alguém Me ama", disse Jesus, "guardará a Minha palavra" (Jo 14:23). "Aquele, entretanto, que guarda a Sua palavra, nEle, verdadeiramente, tem sido aperfeiçoado o amor de Deus. Nisso sabemos que estamos nEle: aquele que diz que permanece nEle, esse deve também andar assim como Ele andou" (1Jo 2:5, 6).

Essa obediência não é legalismo farisaico – obediência para ser salvo ou abençoado. Ela brota do coração como genuíno desejo de agradar a Deus, cumprindo Sua vontade.

Dwight L. Moody se converteu em Chicago, quando era adolescente, e dirigiu a maior escola dominical do país durante muitos anos. Ele havia sido um excelente homem de negócios e ganhou bom dinheiro ao longo dos

anos. Porém, depois de algum tempo, sua luta era esta: Deveria ou não dar tudo ao Senhor? Durante uma viagem à Irlanda, ele ouviu o pregador batista Henry Valey dizer o seguinte: "O mundo ainda está para ver o que Deus pode fazer com, para, através de, em e por um homem plenamente consagrado a Ele." Moody pensou durante um momento, e fez um compromisso: "Pela graca de Deus, serei esse homem." De fato, ele se tornou o mais efetivo evangelista americano na última metade do século 19.

O Espírito Santo será concedido àqueles que obedecem a Deus.

Consciência do dever

"Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai que está nos Céus dará o Espírito Santo a quem O pedir?" (Lc 11:13, NVI).

Em Lucas 11, encontramos uma fascinante história contendo condicões adicionais para o recebimento do Espírito. Certa manhã, os discípulos encontraram Jesus orando. Devem tê-Lo ouvido orar em voz alta, porque ficaram profundamente impressionados. Embora soubessem orar, a impressão causada foi tão forte que eles agiram como se não soubessem fazer isso. E pediram: "Senhor, ensina-nos a orar" (Lc 11:1).

Cristo os atendeu e ilustrou a seriedade e intensidade da tarefa com uma parábola. Um homem chegou ao amigo, à meia-noite, pedindo-lhe três pães a fim de alimentar um hóspede que tinha chegado à casa dele. O amigo não quis atender, alegando que já era tarde, a porta da casa estava fechada e os filhos já estavam dormindo (v. 7). Entretanto, o homem persistiu em seu pedido e continuou batendo à porta. Essa persistência originou no amigo o desejo de satisfazer a fome do viajante hóspede, e o homem, finalmente, conseguiu o pão.

Isso pode ser um excelente padrão para avaliar nosso desejo de ser cheios do Espírito. Por que O queremos em nossa vida? Alguns querem o Espírito para sentir alguma coisa maravilhosa, sobrenatural. Outros desejam o dom do Espírito para que se tornem algum tipo de gigantes espirituais. Mas, nada acontecerá até que peçamos o Espírito para que sejamos uma bênção para outros. Se temos pouco interesse na salvação de pessoas, se não reconhecemos nosso dever de levá-las ao conhecimento do Salvador e crescer na comunhão com Ele, a vinda do Espírito não terá o menor sentido. O Espírito Santo nos é concedido para levarmos pessoas a Cristo. Como podemos ter o Espírito, enquanto ignoramos a maior necessidade do ser humano?

Evan Roberts, o homem a guem Deus usou como agente para iniciar o grande reavivamento galês de 1904, expressou o reconhecimento desse dever nas seguintes palavras: "Eu estava cheio de compaixão por aqueles que devem enfrentar o juízo, e chorei... a salvação do ser humano me impressionou solenemente. Senti-me inflamado pelo desejo de viajar por toda extensão e largura do País de Gales para falar do Salvador, se isso fosse possível. Eu pagaria a Deus para fazer isso."⁵ Se tivermos semelhante conscientização do dever para com o perdido, o Senhor da glória Se dará sem medida a todos quantos Lhe pedirem.

Referências:

- A Primeira Onda começou com o nascimento do moderno pentecostalismo, quando Agnes Ozman, estudante da Escola Bíblica de Fox Paham, falou línguas estranhas, como resultado de uma zelosa busca pelo Espírito Santo. A Segunda Onda – ou movimento neocarismático – começou com Denis Bennett, ministro episcopal que começou a falar línguas estranhas no início dos anos 60. Esse assim chamado movimento neocarismático causou impacto em muitas das principais igrejas protestantes e católicas. A Terceira Onda começou nos anos 80, com igrejas evangélicas buscando manifestações sobrenaturais do Espírito, tais como falar línguas, realização de milagres, e dons de curar.
- ² William D. Mounce, ed., Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2006), p. 580,
- ³ Ellen G. White, O Desejado de Todas as Nações,
- 4 V. Raymond Edman, They Found the Secret (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1960, 1984),
- ⁵ Citado em Brian H. Edwards, Reavival! A People Satured With God (Darlington, UK: Evangelical Press, 1997), p. 152.



Editor associado na Casa Publicadora Brasileira

Reavivamento e reforma ontem e hoje

"Josué ordenou ao povo: 'Santifiquem-se, pois amanhã o Senhor fará maravilhas entre vocês'" (Js 3:5, NVI)

m outubro de 2010, no primeiro concílio anual da Igreja, realizado após a 59ª assembleia da Associação Geral, os líderes emitiram uma declaração em forma de desafio à Igreja em todo o mundo. São quatro as prioridades destacadas: reavivamento, reforma, discipulado e evangelismo.

O documento menciona o rápido crescimento da população mundial e o desafio de alcançar seus bilhões de habitantes, descrito como "uma tarefa esmagadora", e reconhece que "o desafio de levar o evangelho ao mundo não é novo. A igreja do Novo Testamento foi confrontada com uma tarefa aparentemente impossível. Porém, dotada do poder do Espírito Santo, teve um crescimento explosivo (At 2:41; 4:4; 6:7; 9:31)". Em seguida, analisa a promessa do Salvador de que nos últimos dias, com o derramamento da chuva serôdia, poder maior ainda teria o remanescente para cumprir a missão. E termina com o apelo a cada administrador, líder e obreiro em todos os níveis a "se unir em tornar o reavivamento, a reforma, o discipulado e o evangelismo as prioridades mais urgentes e importantes de nossa vida pessoal e em nossas comunidades" (www.revivalandreformation.org).

Ao mencionar seu desejo de "ter uma igreja revitalizada por reavivamento e reforma", o pastor Ted Wilson, presidente mundial da Igreja, citou o que parece ser o texto-chave dessa iniciativa: "Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós, eis a maior e a mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscá-lo deve ser nossa primeira ocupação" (Mensagens Escolhidas, v. 1, p. 121).

Trajetória adventista

Desse modo, Ted Wilson retoma o desafio lançado há 22 anos, por seu pai, pastor Neal C. Wilson. Na década de 80, Neal Wilson, então presidente mundial da Igreja, desejou ver um grande movimento de reavivamento e reforma – "uma onda crescente de espiritualidade que nos leve a andar mais perto de Deus", (*Revista Adventista*, setembro/1988, p. 14-16).

Neal Wilson justificou a iniciativa mencionando o anseio de líderes e membros em todo o mundo por essa experiência, reportando-se também aos vários concílios anuais da comissão diretiva da Associação Geral. Nesses, igualmente já haviam apelado aos diferentes setores denominacionais para que dessem prioridade ao reavivamento. "Mas", declarou, "o reavivamento não é algo que possa ser votado. Não é algo que possa ser produzido por uma comissão de estudo". A conclamação segue delineando pontos e aspectos da iniciativa com base na Bíblia e no livro O Grande Conflito.

Estudo da Bíblia, oração e testemunho, foram os principais elementos

enfatizados na matéria. Jeremias 6:16 (NVI) declara: "Assim diz o Senhor: 'Ponham-se nas encruzilhadas e olhem; perguntem pelos caminhos antigos, perguntem pelo bom caminho. Sigam-no e acharão descanso'. Mas vocês disseram: 'Não seguiremos!'" Esse é o texto que perpassa a conclamação. Para Neal Wilson, "o estudo cabal das Escrituras é a chave principal para o reavivamento e a reforma".

Como ele mesmo afirmou. Neal Wilson apenas deu continuidade ao anseio de seu predecessor na presidência mundial da Igreja, pastor Robert H. Pierson, escritor, líder conciliador e defensor doutrinário. Seu apelo no Concílio Anual de 1973 foi por um "reavivamento e reforma da verdadeira piedade na igreja", a fim de prepará-la para os eventos dramáticos no futuro.

Nas mensagens da semana de oração da Igreja (Revista Adventista, novembro, 1974), sob o tema geral: "Viver com Cristo", Pierson voltou ao tema, no sermão de abertura. Os demais textos são de Morris Venden, então pastor da igreja da Universidade de Loma Linda. Numa das mensagens (quinta-feira), Venden afirmou: "Reavivamento significa renovação da vida espiritual... reforma tem que ver com mudança nos hábitos e práticas. Reavivamento e reforma envolvem o interior e o exterior... O plano de iniciar pelo exterior e procurar operar interiormente, tem sempre falhado e falhará sempre". Ele citou vários textos de Ellen G. White, tais como: "O plano de Deus é começar na própria sede de todas as dificuldades – o coração – e então do coração hão de jorrar os princípios" (Conselhos Sobre o Regime Alimentar, p. 35). Venden mencionou que o reavivamento começa com uma pessoa. Depois passa a duas ou três. A seguir um punhado. Depois grupos aqui e ali... Termina suplicando o poder divino para reavivar os membros e completar a obra que iniciou.

Em 1975, na Revista Adventista (edição novembro), na mensagem de abertura da semana de oração, Robert H. Pierson apresentou estatísticas mundiais sobre grandes populações ateísticas; preocupações com o pós-cristianismo e o materialismo dominante nos países ricos. A igreja adventista foi desafiada a buscar um reavivamento e reforma. a fim de enfrentar as ondas humanistas que se avolumavam. Pierson disse: "Maquinaria, planos, programas, têm seu lugar, mas a verdadeira fonte de auxílio é Cristo." Ele chamou à atenção para a relação entre a tarefa inacabada e sua condição espiritual.

Referindo-se ao poder apostólico após o Pentecostes na conversão de pessoas, Pierson mencionou que isso foi muito mais do que a maioria dos obreiros poderia ganhar, ainda que tivessem uma dúzia de vidas. Mas, como seria diferente se cada um passasse por uma experiência plena do Espírito!

Nessa trajetória cíclica, talvez seja relevante o fato de que, no Brasil, o assunto foi destaque já na Revista Adventista (novembro/1924), uma das primeiras edições a desafiar a igreja para um reavivamento e reforma. Com o título: "O Sábado e sua Observância", o artigo de J. E. Fulton faz um paralelo entre a reforma do rei Josias que, reavivando o povo com a leitura do livro da Lei, iniciou uma reforma em defesa do sábado. Assim também o remanescente de Deus deverá proclamar e defender o verdadeiro dia do Senhor próximo ao tempo de angústia, quando a última chuva dará poder à voz do terceiro anjo. "O formalismo", disse Fulton, "é a rocha fatal em que naufragou o judaísmo, apesar da observância do verdadeiro sábado... Há idêntico perigo com o povo remanescente de Deus hoje em dia" (p. 11).

Em 1946, a edição especial da Revista Adventista de novembro trouxe na mensagem do último sábado da semana de oração, de J. L. McElhany, dois textos mencionados pelo pastor Ted Wilson no Concílio Mundial de 2011: O primeiro é a citação de Mensagens Escolhidas, v. 1, p. 121. O segundo é a definição de Ellen G. White sobre reavivamento e reforma que aparece praticamente em todos os artigos relacionados. McElhany faz menção aos ataques de Satanás ao remanescente no tempo do fim e de como ele seria desmascarado. Também alerta para o perigo dos divertimentos mundanos. Menciona Joel 2:15-17 como base para o apelo final, destacando a necessidade de santificação para cumprir a missão.

Na Bíblia

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, há múltiplos, variados e cíclicos movimentos de reavivamento e reforma. Porém, é o Antigo Testamento que os apresenta de maneira mais latente. Nesse sentido, um dos primeiros relatos é encontrado em Êxodo 19:9-16. Nesse episódio do Sinai, antes de o Décalogo ser entregue, Deus pediu que o povo se santificasse. Houve uma busca intensa, sincera e progressiva por reavivamento e reforma.

Entre reiteradas etapas de santificação e apostasia, o povo passou 40 anos vagueando pelo deserto. Finalmente, antes que entrasse na terra prometida, o Senhor exigiu reavivamento e reforma: "Disse Josué ao povo: Santificai-vos, porque amanhã o Senhor fará maravilhas no meio de vós" (Js 3:5).

E foi assim durante todo o tempo. Antes de conquistar inimigos, cidades, reis e povos; antes de receber a benção na saúde, na lavoura, na família, na vida espiritual; até mesmo antes de se tornar conhecido como 'o povo escolhido de Deus', Israel era incentivado à profunda reforma espiritual.

Uma das memoráveis iniciativas para essa experiência em Israel foi promovida pelo rei Josias. Os relatos de 2 Crônicas 33 e 2 Reis 21 mostram o contexto em que se encontrava o reino dividido. Josias, filho de Amnon, era neto do profano rei Manassés. Em 2 Reis 21:16 é mencionado que Manassés "derramou muitíssimo sangue inocente", incluindo o do profeta Isaías, e "levou o povo a fazer pior do que as nações que Deus havia destruído" (2Cr 33:9). O castigo iminente se aproximava – o cativeiro babilônico. Profetas não cessavam de anunciar e exortar, mas as mensagens eram desprezadas. Amnon, filho de Manassés, foi também um rei ímpio. Reinou somente dois anos.

Com oito anos de idade, Josias assumiu o trono. Dele é mencionado ter feito "o que era reto perante o Senhor, andou em todo o caminho de Davi, seu pai, e não se desviou nem para a direita nem para a esquerda" (2Rs 22:1, 2). Ele iniciou uma reforma espiritual ordenando que destruíssem altares e ídolos em todo o reino.

No 18º ano de seu reinado, durante a reforma do templo, o livro da Lei foi encontrado. Josias foi impressionado, especialmente, porque o povo estava em apostasia e diante da iminente invasão babilônica. Então, convocou líderes religiosos, civis e o povo em geral. O próprio rei leu a Palavra de Deus (2Rs 23:2). O efeito produziu grande reforma espiritual. A destruição de Jerusalém por Nabudonosor não foi evitada, mas os tempos de reavivamento iniciados por Josias deram frutos posteriores, como Jeremias, Daniel e seus companheiros.

No período do Novo Testamento, a santificação foi também o imperativo para se cumprir a missão. Disse Jesus: "Permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24:49). O "permanecer" vem antes da execução do "ide", o "ser" precede o "fazer". E eles esperaram pelo poder: Unidos no propósito; reunidos no mesmo lugar; unânimes na oração; neutralizados nas diferenças e santificados na Palavra (Jo 17:17).

Naquele ambiente de contrição e espera, os discípulos estavam conscientes da própria incapacidade. Mas confiaram na promessa: "Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo" (At 1:8). Repentinamente, o poder divino desceu sobre eles. Então, destemidos e ousados pregaram

a Palavra. Milhares se converteram. Muitos foram curados. Outros, ressuscitados! Ficaram conhecidos como "estes que têm transtornado o mundo" (At 17:6).

Movimento final

No Pentecostes, a chuva temporã foi apenas um prelúdio do que está para acontecer. Deus prometeu derramar Seu Espírito em abundância nos últimos dias (Jl 2:23; Zc 10:1). A Terra será iluminada "com Sua glória" (Ap 18:1) e a obra de Deus rapidamente concluída (Mt 24:14; Rm 9:28). Ellen G. White acrescenta: "Antes de os juízos finais de Deus caírem sobre a Terra, haverá, entre o povo do Senhor, tal avivamento da primitiva piedade como não fora testemunhado desde os tempos apostólicos... O inimigo deseja estorvar essa obra e, antes que chegue o tempo, se esforçará para impedi-la introduzindo uma contrafação" (O Grande Conflito, p. 464).

Reavivamento e reforma, diz ela, são duas coisas diversas. Reavivamento significa renovação da vida espiritual, da mente e do coração. Reforma tem que ver com reorganização, mudança nas ideias, hábitos e práticas. A reforma não dará bom fruto a menos que resulte do verdadeiro reavivamento.

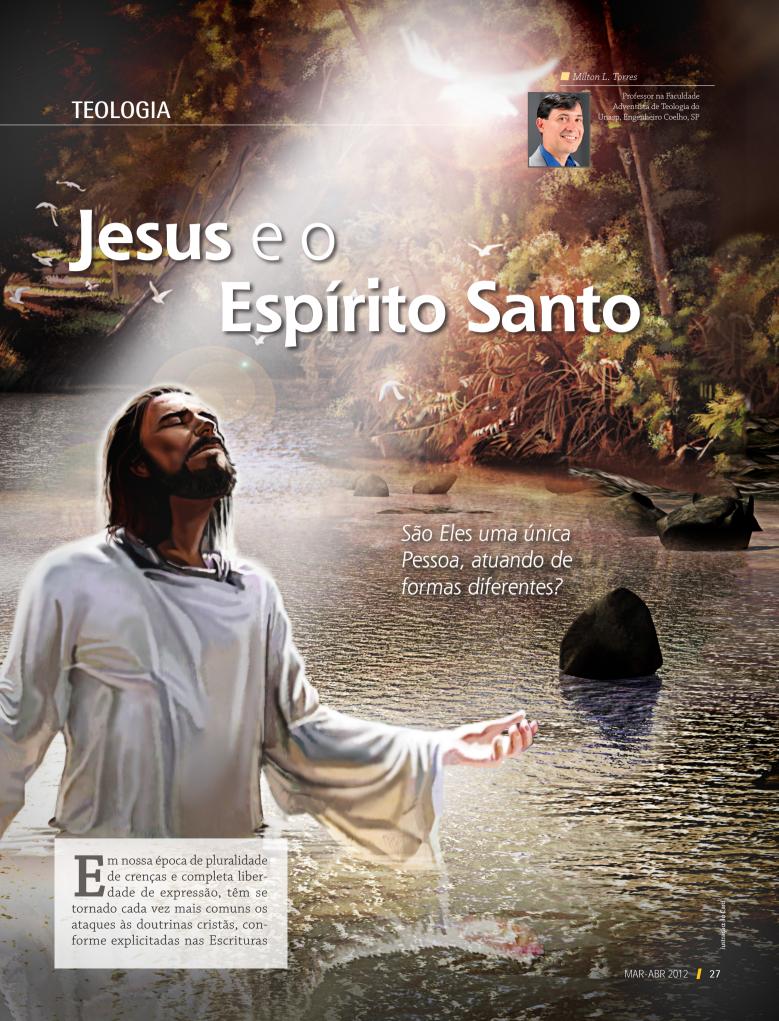
Numa entrevista à Revista Adventista (janeiro/1977), Wilson Endruveit declarou que muito daquilo que hoje se vê nas igrejas não passa de "sentimentalismo sacarino, um sentimento excluído de doutrina; é um nada meloso. Tal reavivamento é falso porque não leva a pessoa à segunda fase, que é a reforma". Cita, em seguida, cinco principais características do verdadeiro reavivamento e reforma: 1) São sempre acompanhados por obras da fé; 2) devem começar no indivíduo, por meio de sincero arrependimento, genuína conversão com frutos do Espírito; 3) são motivados pelo Espírito Santo e este usa a Bíblia. Logo, deve ser da Verdade para a experiência, e não o contrário; 4) mantêm doutrina e experiência em perfeito equilíbrio; e 5) revelam perante o mundo um resultado prático da experiência individual.

Depois do Pentecostes, nunca mais aqueles homens e mulheres foram os mesmos. Tal experiência é possível hoje também. Jesus Se deu a Si mesmo pela igreja e, certamente Ele a refinará, aperfeiçoará e enobrecerá de tal maneira que ela obterá poder para finalizar a missão. E quais serão os resultados? "Viam-se centenas e milhares visitando famílias e abrindo perante elas a Palavra de Deus" (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 9, p. 126). "Mais de mil serão convertidos num dia" (*Beneficência Social*, p. 101).

Certo garoto olhava curiosamente uma antiga locomotiva do tempo, ainda, da "maria fumaça", movida pela combustão da lenha. Ao lado, a placa dizia: "não mexa e não suba". Mas, levado pela curiosidade o garoto subiu à cabine e começou a mexer na locomotiva. De repente, o guarda do museu chegou e lhe perguntou gentilmente: "Você está gostando?" "Sim", respondeu meio temeroso o menino. "Você pode mexer em todos os comandos", continuou o guarda, "ela não sairá do lugar". "Não?" perguntou o menino. "Não", respondeu o guarda e explicou: "ela não se moverá porque falta fogo!"

Não seria o caso de buscarmos, hoje, as bases da verdadeira santificação? Reconhece a igreja atual que lhe falta o "fogo celestial" do Espírito Santo? Acaso, como igreja, estamos evitando iniciativas polarizadas? Não estaríamos acomodando a Bíblia ao nosso modo de vida, em vez de moldarmos a vida pela Palavra de Deus?

Assim, verificamos que, ao longo do tempo, movimentos de reavivamento e reforma foram cíclicos, tanto na trajetória bíblica quanto na história da igreja, porque as condições do remanescente também são assim. Mas, no fim dos tempos (e já estamos nele), Deus efetuará um movimento linear concluinte de todos os anteriores, o qual marchará para o fim. E ele acontecerá em breve!



e tradicionalmente compreendidas pelos teólogos e fiéis. Essa situação adquire contornos de crise uma vez que a postura pós-moderna parece exigir certa passividade diante das diferenças, ao mesmo tempo em que o bombardeio dos meios de comunicação contra as Escrituras se torna mais e mais inclemente. Se levantamos a voz para denunciar os equívocos de tais posturas excessivamente permissivas, somos chamados de intolerantes. Por outro lado, se nos calamos, somos rotulados como pessoas incultas, destituídas de argumentação e credibilidade, indignas de atenção, escravas da fé cega.

"Quando Se referiu ao Espírito Santo como 'outro Consolador', Jesus afirmou que Ele e o Espírito Santo são duas Pessoas diferentes"

Diante dessa situação até certo ponto melindrosa, nos propomos a desenvolver uma reflexão sobre a possibilidade de que Jesus e o Espírito Santo sejam uma única Pessoa. Esse argumento tem sido recentemente proposto por movimentos dissidentes que tentam negar a pessoalidade e a personalidade do Espírito Santo, bem como minar a crença na doutrina das três Pessoas que compõem a Divindade. Ao defender essa posição, seus propositores procuram mostrar que, quando se referem ao "outro Consolador", à intercessão em favor dos crentes e à distribuição de dons à igreja, as Escrituras estão, de fato, descrevendo a obra de Jesus, codificada sob a forma de enigmáticas referências ao Espírito Santo.

"Outro Consolador"

Jesus Cristo disse: "Eu pedirei ao Pai, e Ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre, o Espírito da verdade. O mundo não pode recebê-Lo, porque não O vê nem O conhece. Mas vocês O conhecem, pois Ele vive com vocês e estará em vocês. Não os deixarei órfãos; voltarei para vocês. Dentro de pouco tempo o mundo não Me verá mais; vocês, porém, Me verão. Porque Eu vivo, vocês também viverão" (Jo 14:16-19, NVI).

Infelizmente, uma compreensão inadequada dessa passagem tem levado alguns a concluir que a promessa nela contida, de que Jesus não deixaria órfãos os discípulos, e de que Ele voltaria para eles, aponta para a vinda de Jesus à Terra para realizar a obra do Espírito Santo.

A maioria dos teólogos crê que Jesus agui Se referiu à Sua vinda por ocasião da ressurreição. Obviamente, a vinda do Conselheiro é condicionada pela morte e ressurreição de Jesus. Devemos nos lembrar de que, nesse contexto, a promessa de Jesus foi motivada por uma declaração de Tomé: "Senhor, não sabemos para onde vais" (Jo 14:5). Diante disso, o Mestre explicou que rogaria ao Pai por outro Consolador e que este ficaria para sempre com os discípulos. Até aqui, a afirmativa de Jesus respondia somente em parte à inquietação dos discípulos, seu temor de ser abandonados. Contudo, Tomé havia feito referência específica à curiosidade dos discípulos quanto ao que aconteceria com o Mestre e, por essa razão, Jesus acrescentou que voltaria para eles, mas o mundo não mais O veria. De fato, imediatamente após a ressurreição, Jesus não mais Se manifestou para as pessoas do mundo (a não ser para aqueles que, por Sua autorrevelação, vêm a se converter).

Para defender o ponto de vista de que Jesus estava falando de Si mesmo, ao Se referir a outro Consolador, os que pensam assim primeiramente argumentam que nem o mundo nem os discípulos conheciam o Espírito Santo e que, já que os discípulos conheciam Jesus muito bem, o Espírito e Jesus tinham que ser a mesma pessoa. Segundo esse modo de pensar, a declaração de Jesus, de que os discípulos não O veriam ainda, seria cum-

prida por ocasião de Sua vinda como o "outro Consolador". Essa posição não considera, porém, que o Espírito Santo já havia sido derramado sobre os discípulos, segundo a promessa de João Batista (Mc 1:8; 6:13), ainda que não de forma plena (Lc 24:49; Jo 20:21, 22; At 1:5). Ninguém vai a Cristo senão pela atuação do Espírito Santo. A própria condição de discípulos lhes garantia um conhecimento (ainda que parcial) do Espírito Santo.

O segundo argumento empregado para provar uma suposta identificação de Jesus como o "outro Consolador" é o da comparação das expressões "outro Consolador" e "outro discípulo": "Pedro e o outro discípulo saíram e foram para o sepulcro. Os dois corriam, mas o outro discípulo foi mais rápido que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro" (Jo 20:3, 4). Argumentam que, se João podia se chamar de "outro discípulo", o Salvador podia Se referir a Si mesmo como "outro Consolador". É verdade que, ocasionalmente, Jesus Se referia a Si mesmo na terceira pessoa (Mt 12:40; 17:9; Lc 24:15, 16, 26, 27). No entanto, nunca o fez por meio da palavra "outro". De fato, todas as vezes em que Ele empregou essa palavra, estava falando de outra pessoa. Por exemplo: "Eu vim em nome de Meu Pai, e vocês não Me aceitaram; mas, se outro vier em seu próprio nome, vocês o aceitarão" (Jo 5:43). Ele também usou essa palavra referindo-Se a João Batista (Jo 5:32).

João podia se referir a si mesmo como "o outro discípulo" porque havia mais discípulos; mas, se Jesus é o Consolador único, como querem os dissidentes, seria ilógico que Ele Se referisse a Si mesmo como sendo outro Consolador. Aliás, para que tenha sentido o argumento de que Jesus poderia usar a palavra "outro" em relação a Si mesmo porque João a usava, seria necessário que, no texto empregado para defender essa ideia (Jo 20:3, 4), João e Pedro fossem uma única pessoa. Ao contrário disso, ele afirmou que eram duas pessoas diferentes. Semelhantemente, quando Jesus chamou o Espírito Santo de "outro Consolador", estava afirmando que Ele e o Espírito Santo são duas pessoas diferentes.

Ellen G. White esclarece a exposição de Jesus: "Limitado pela humanidade, Cristo não poderia estar em toda parte em Pessoa. Era, portanto, do interesse deles [os discípulos] que Ele fosse para o Pai e enviasse o Espírito como Seu sucessor na Terra."1 Evidentemente, não podemos conceber que ela estivesse falando de um sucessor de Jesus, se o Espírito Santo fosse apenas um nome diferente para o Senhor Jesus Cristo.

Espírito Santo: impessoal?

O texto de Atos 2:33 tem sido usado, em tempos recentes, como suposta prova de que o Espírito Santo não é uma Pessoa. Os argumentos correm em duas linhas principais: (1) o verso especificamente se refere ao Espírito Santo por meio do pronome demonstrativo "isto", de valor neutro, e que (2) o verbo "derramar" deixa claro que Ele não é uma pessoa, mas uma espécie de força, coisa ou objeto. Diz o texto: "Exaltado, pois à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis." O primeiro argumento que considera desrespeitoso o emprego da palavra "isto" (touto, em grego) em relação a uma Pessoa divina, esbarra em uma dificuldade intransponível. O uso de "isto" se deve ao fato de que a expressão "Espírito Santo" (pneuma hagion) é neutra em grego.

Diferentemente do português, idioma que conta com apenas dois gêneros, o grego (assim como o latim) possui três. No idioma português, definimos como masculinos ou femininos mesmo os objetos assexuados. Assim, "mar" é masculino e "mensagem" é feminino. Mas em grego, é comum o emprego do gênero neutro quando não queremos fazer referência explícita ao sexo. Dessa forma, a palavra "bebê" (brephos) ou a expressão "filhinhos" (teknia), muito empregada pelo apóstolo João em suas epístolas, são expressões neutras, sem nenhuma referência ao sexo das pessoas envolvidas. A mesma coisa acontece em inglês, quando se refere ao Espírito Santo, a um bebê ou a uma criança como it (isso).

A tradução de Atos 2:33 para o português deixa claro que a língua grega trata a expressão "Espírito Santo" como neutra. Se os que defendem a impessoalidade do Espírito Santo pesquisassem cuidadosamente o grego, descobririam que esse não é o único caso. A mesma coisa ocorre em João 14:16, 17, embora, ali, a traducão não o deixe explícito. Em outras passagens (Jo 14:26; 16:7, 8, 13, 14), João emprega o pronome masculino ekeinos ("este" ou "ele") para se referir ao Espírito Santo, mostrando que os gêneros masculino e neutro não são atribuídos, de forma consistente, à terceira Pessoa da Divindade. De fato, Deus não é homem nem mulher, pois "é espírito, e importa que os que O adoram O adorem em espírito e em verdade" (Jo 4:24). Em todo caso, percebe-se que tanto bíblica quanto linguisticamente, o gênero de uma palavra não determina a pessoalidade do ser que ela representa.

Em relação ao segundo argumento, acaso pode-se dizer que o verbo "derramar" nunca possa ter seres pessoais como seu objeto? Não! Por exemplo, em Portugal, um jornal esportivo noticiou o seguinte: "O jogo foi desfigurado como espetáculo, mas ainda atraente. O Liverpool derramou homens em frente... estilo italiano defendendo."² Nesse caso, percebe-se que o time inglês adotou estilo defensivo das equipes italianas, "derramando" jogadores à frente da defesa. Pode-se derramar uma pessoa? Aparentemente, sim, desde que estejamos falando em linguagem figurada. Um poema de Gustavo Bicalho mostra isso:

"Segunda-feira. Perde-se a hora. O relógio evaporou. Moço, me vê um copo d'água?' 'Acabou.' A avenida derrama gente. Sublimo."

O poeta descreve como seu eu lírico despertou atrasado na segunda-feira,

entrou em um estabelecimento em busca de água, não a encontrou, voltou à avenida repleta de pessoas e, finalmente, relevou as dificuldades.

Quando a Bíblia fala que o Espírito é derramado sobre toda a carne (Jl 2:28), está usando linguagem figurada, assim como quando o faz ao dizer que a cólera de Deus se derrama como fogo (Na 1:6; Ap 16:1), ou que o amor divino é derramado em nosso coração (Rm 5:5). De acordo com Ellen G. White, "nenhum princípio intangível, nenhuma essência impessoal ou simples abstração poderia satisfazer às necessidades e anelos dos seres humanos nesta vida de lutas com o pecado, tristeza e dor. Não basta crermos na lei e na força, em coisas que não têm piedade ou nunca ouvem o brado por auxílio. Precisamos saber acerca de um braco Todo-poderoso que nos manterá, e de um Amigo infinito que tem piedade de nós".3

"Enquanto Jesus, nosso intercessor, suplica por nós no Céu, o Espírito Santo atua em nós, para que queiramos e efetuemos a Sua vontade"

Espírito, mente, vida

Usando o mesmo raciocínio, perguntamos: Pode-se defender a ideia de que a expressão "Espírito Santo" seja empregada na Bíblia simplesmente com o significado de "mente" e "vida"? Não! Em todas as ocasiões em que a palavra "espírito" tem esse sentido figurado (1Rs 21:4, 5; Dn 2:1-3; 1Co 14:14; 2Co 7:13; Fm 25), ela nunca vem seguida do adjetivo "santo". Além disso, é-nos dito que "Cristo labutou por Sua vide. Príncipe do Céu, Ele era ainda o intercessor pelo homem, e tinha poder com Deus, e prevalecia em favor de Si mesmo e de Seu povo. Manhã após manhã, Ele comungava com o Pai celestial, recebendo dEle um batismo diário do Espírito Santo". A Na Terra, Jesus recebia o batismo diário do Espírito Santo. Portanto, Ele não podia ser batizado com Sua própria mente!

Pela mesma razão, não devemos entender a seguinte declaração de Paulo como significando que somente Deus entende as coisas de Deus: "Quem conhece os pensamentos do homem, a não ser o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, ninguém conhece os pensamentos de Deus, a não ser o Espírito de Deus" (1Co 2:11). Ellen G. White explica muito bem esse texto: "O Espírito Santo tem personalidade, do contrário não poderia testificar ao nosso espírito e com nosso espírito que somos filhos de Deus. Deve ser também uma Pessoa divina, do contrário não poderia perscrutar os segredos que jazem ocultos na mente de Deus."5 Também não devemos interpretar de modo figurado Romanos 8:26, como se o apóstolo sugerisse que é a "mente" de Cristo que realiza intercessão em favor do homens: "Da mesma forma o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos como orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis."

Os defensores da ideia de que as referências à intercessão do Espírito Santo representam figuradamente a intercessão de Jesus o fazem motivados por uma compreensão inadequada de 1 Timóteo 2:5, que diz haver apenas "um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus". Tais pessoas passam por alto a compreensão teológica que se convencionou chamar de "a economia da Divindade". Ou seja, embora Jesus tenha participado da criação de modo tão efetivo quanto o Pai, apenas este geralmente recebe o epíteto de Criador. Assim, embora o Pai tenha participado de modo tão efetivo quanto Jesus, é a este que geralmente designamos Redentor. As Pessoas divinas têm unidade de propósito e ação, mas cada uma delas, em certo sentido,

Se destaca em relação a algum aspecto específico de atuação. Por isso, afirmar que Jesus é o único Mediador não contradiz o ensinamento bíblico de que o Espírito intercede pelo homem.

Em vez de contraditórias, as atuações de Jesus e do Espírito Santo como intercessores são, de fato, complementares. "Quando Cristo cessar Sua obra como mediador em favor do homem, então comecará esse tempo de angústia. Então, estará decidido o caso de toda pessoa, e não haverá sangue expiatório para purificar do pecado. Ao deixar Jesus Sua posição como Intercessor do homem junto a Deus, faz-se o solene anúncio: 'Quem é injusto, faça injustiça ainda... e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.""6 "Enquanto Jesus permanecer como Intercessor pelo homem no santuário celestial, a influência restritiva do Espírito Santo é sentida pelos governantes e pelo povo."7 "Enquanto Jesus, nosso Intercessor, suplica por nós no Céu, o Espírito Santo atua em nós, para que queiramos e efetuemos a Sua vontade. O Céu todo se interessa pela salvação da pessoa."8

Como se percebe, após Sua morte, Jesus passou a ser Intercessor no Céu, no santuário celestial. O Espírito Santo intercede a partir da Terra, convencendo-nos "do pecado, da justiça e do juízo" (Jo 16:8). De acordo com a economia da Divindade, nada impede que tanto Jesus como o Espírito Santo sejam identificados como intercessores. O Espírito intercede e Cristo também intercede. De fato, segundo Romanos 8:34, "quem os condenará? Foi Cristo Jesus que morreu; e mais, que ressuscitou e está à direita de Deus, e também intercede por nós".

Na distribuição dos dons

No capítulo 2 do livro de Atos, Lucas descreve a maneira pela qual o Espírito Santo concedeu o dom de línguas à igreja primitiva. No entanto, em Efésios 4:8, temos a declaração paulina de que foi Jesus quem distribuiu os dons espirituais à igreja: "Quando Ele subiu em triunfo às alturas, levou cativos muitos prisioneiros, e deu dons aos homens." Provam essas declarações que Jesus e o Espírito Santo são a mesma pessoa? De modo nenhum! Outras passagens das Escrituras revelam que Jesus e o Espírito Santo participaram, conjuntamente, da distribuição de dons. Ao sugerir temas de pregação aos pastores evangelistas, Ellen G. White afirmou o seguinte: "São estes os nossos temas: Cristo crucificado pelos nossos pecados, Cristo ressuscitado dentre os mortos, Cristo nosso Intercessor perante Deus; e intimamente relacionada com estes assuntos acha-se a obra do Espírito Santo, Representante de Cristo, enviado com poder divino e com dons para os homens."9 O Espírito Santo distribui os dons como representante de Cristo.

Jesus é a fonte dos dons, o Espírito Santo os entrega a nós. No entanto, a terceira Pessoa da Divindade conta com o consentimento dos demais membros da Divindade para fazê-lo segundo Seu próprio beneplácito: "Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e Ele as distribui individualmente, a cada um, como quer."

Além disso, a seguinte afirmação de Ellen White esclarece que Jesus está com o Espírito Santo quando este realiza Sua obra: "Quando as provações obscurecem a alma, lembre-se das palavras de Cristo, lembre-se de que Ele é uma presença invisível na pessoa do Espírito Santo, e Ele será a paz e o conforto que lhe são dados, manifestando-lhe que Ele está com você, o Sol da Justiça, expulsando suas trevas." 10 – Continua

Referências:

Ellen G. White, Fé Pela Qual Eu Vivo (MM, 1959), p. 56.
 Desporto Notícias, 20/02/2008.
 Ellen G. White, Ibid., p. 54.
 Signs of the Times, 21/11/1895.
 Evangelismo, p. 617.
 Patriarcas e Profetas, p. 201.
 Signs of the Times, 03/10/1892.
 Evangelismo, p. 187.

_, Filhas de Deus, p. 185.



Vice-presidente da Divisão Sul-Americana

A oração do corpo

De que maneira o jejum pode ajudar a aprofundar nossa experiência com Deus?

m pressuposto indiscutível do crescimento espiritual é o desejo que deve ter o cristão de permanecer na presença de Jesus, desde a primeira até a última hora de cada dia. Considerando a existência de muitos afazeres que tentam subtrair o tempo que deve ser dedicado à comunhão com Deus, e coisas que tendem a nos distrair em relação às prioridades da vida espiritual, é forçoso reconhecermos que tal permanência requer sólida disciplina pessoal. Mas o Senhor pode e quer nos abençoar em nossa decisão de dar a Ele o primeiro e o último lugar em nossa vida.

Entre muitos recursos que ajudam a aprofundar nossa experiência com Deus, está o jejum. Como disciplina espiritual, ele é defendido e praticado pelos mais diferentes segmentos religiosos. Até mesmo entre as religiões pagãs, o jejum era praticado como forma de preparação para o encontro com uma divindade. Seus praticantes acreditavam que essa experiência proporcionava abertura para a influência divina.

Atualmente, além dos cristãos, outros grupos religiosos também costumam jejuar. Entre esses grupos, podemos mencionar os islâmicos, que promovem o jejum no mês de Ramadã, quando comemoram a entrega do Alcorão por Alá.

No cristianismo, o jejum tem sido praticado de maneiras diferentes e também por motivos diversos. Por isso, necessitamos entender o que é e o que não é o jejum, a relevância dele no ministério de Cristo, qual é seu sentido amplo e a importância dessa disciplina em nosso preparo diário, predispondo nossa mente para tornar mais efetiva a comunhão com Cristo.

O que não é

Primeiramente, o jejum não é penitência, expiação de pecado, sacrifício para eliminar a culpa, aflição, tormento ou ato praticado com o objetivo de alguém demonstrar que é mais santo que os semelhantes. As Escrituras deixam bem claro que o perdão e a purificação resultam do verdadeiro arrependimento, confissão e abandono do pecado. Isto é o que diz a Palavra de Deus: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça" (1Jo 1:9).

O jejum também não é um ritual público de tristeza reveladora de superioridade. Nos dias de Cristo, os fariseus costumavam jejuar para mostrar uma fachada de "santidade". Mas o que revelavam exteriormente não correspondia ao que carregavam interiormente, pois o coração deles estava longe de Deus. Em Seu ensinamento, o Salvador atingiu o ponto certo dessa questão, advertindo--nos para que não viéssemos a cair no mesmo erro. Disse Ele: "Quando jejuarem, não mostrem uma aparência triste como os hipócritas, pois eles mudam a aparência do rosto a fim de que os outros vejam que eles estão jejuando. Eu lhes digo verdadeiramente que eles já receberam sua plena recompensa" (Mt 6:16).

O jejum não é greve de fome. Ele não deve ser usado com o objetivo de chamar a atenção de Deus, a fim de simplesmente conseguir coisas. Através do profeta Isaías, o Senhor condenou essa atitude. Primeiramente, descreve o clamor dos que jejuavam: "Por que jejuamos", dizem, "e não o viste? Por que nos humilhamos, e não reparaste?" No fim do verso, é explicada a razão pela qual o Senhor não aceitava o que eles faziam: "Contudo, no dia do seu jejum vocês fazem o que é do agrado de vocês, e exploram os seus empregados" (Is 58:3).

É importante que compreendamos claramente essas coisas, porque muitas coisas que, no passado, marcaram a experiência dos povos bíblicos ainda são percebidas, hoje, entre os professos filhos de Deus. Portanto, o aprendizado adquirido por meio dos erros dos nossos ancestrais é fundamental à nossa experiência. Por isso, Ellen G. White advertiu: "É verdade que há pessoas com mente desequilibrada que se consideram muito religiosas e que impõem a si mesmas jejum e oração com prejuízo de sua saúde. Estas pessoas se deixam enganar. Deus não requereu isso delas... Confiam em suas boas obras para a salvação e estão procurando comprar o Céu por obras meritórias próprias em vez de, como deve todo pecador, depender somente dos méritos de um Salvador crucificado e ressurreto" (Testemunhos Seletos, v. 3, p. 172, 173).

O que é

O sentido teológico do jejum transcende à prática da abstenção alimentar durante determinado período de tempo. Segundo o Westminster Dictionary of Christian Spirituality, "o jejum é a oração do corpo; afirmando a totalidade de uma pessoa numa ação espiritual; dá ênfase e intensidade à prece, expressando, especificamente fome de Deus e de Sua vontade. Afirma a bondade da criação por significar a rendição temporária do gozo de alguns de seus benefícios, e, portanto, sempre inclui um elemento de gratidão" (citado por Madeline S. Johnston, Ministério maio/junho de 1995), p. 9). Ao jejuar, a pessoa se priva daquilo de que gosta e que lhe satisfaz, entregando-se totalmente à comunhão íntima com seu Criador e Redentor.

Essa comunhão é desenvolvida e alimentada na presença de Deus. Nela, ouvimos Sua voz, por meio da leitura da Bíblia, e falamos com Ele, reagindo ao que nos diz e Lhe abrindo nosso coração. Nesse relacionamento, podemos notar o verdadeiro sentido do jejum. "Para certas ocasiões, o jejum e oração são recomendáveis e apropriados. Na mão de Deus são o meio de purificar o coração e promover uma disposição de espírito receptiva. Obtemos resposta às nossas orações porque humilhamos nossa alma perante Deus... O espírito do verdadeiro jejum e oração é o espírito que rende a Deus mente, coração e vontade" (Conselhos Sobre o Regime Alimentar, p. 187, 189).

O jejum pode ser total ou parcial. Jejum total é aquele em que a pessoa se abstém de todo tipo de alimento, durante determinado período de tempo. Parcial é quando se faz uso de frutas, sopas, caldos, sucos naturais, nos horários reservados para refeições. A utilização da água deve ser normal em qualquer das opções.

O exemplo de Jesus

Imediatamente depois de haver sido batizado e antes de iniciar Seu ministério terrestre, Jesus Cristo jejuou "quarenta dias e quarenta noites" (Mt 4:2). De acordo com Ellen G. White, "o grande objetivo por que Cristo suportou aquele longo jejum no deserto, foi ensinar-nos a necessidade de abnegação e da temperança" (Conselhos Sobre Saúde, p. 125).

Por meio da abnegação e da temperança, Cristo colocou sob controle o apetite e mostrou que não havia justificativa para que Adão e Eva caíssem no pecado, pela satisfação do apetite. Assim, no ponto em que eles falharam, Cristo venceu e deixou o sublime exemplo de que não há razão para que Seus seguidores rompam o relacionamento com Ele.

Não foi sem luta que Jesus venceu e subjugou o apetite. O adversário usou as mesmas armas que levaram nossos pais à queda (*No Deserto da Tentação*, p. 80). Mas o Salvador Se firmou no poder da Palavra com a qual rechaçou a investida satânica: "Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4:4). Com essas

palavras, Cristo deixou clara a receita para vencermos as confederações satânicas nos momentos de tentação: Comunhão com Deus por meio do estudo da Bíblia, oração e jejum.

Mais do que abstinência

O capítulo 58 do livro do profeta Isaías apresenta um conceito ampliado do jejum. Nesse texto, jejuar é mais do que abstenção de alimentos. É uma disciplina que aprofunda o compromisso com um estilo de vida segundo o modelo de Jesus Cristo. Ele viveu como amigo de todas as pessoas e classes; amava a todos e Seu amor ultrapassava o limite das palavras.

"O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: 'Segue-Me'." (A Ciência do Bom viver, p. 143).

Através do profeta, assim diz o Senhor: "O jejum que desejo não é este: soltar as correntes da injustiça, desatar as cordas do jugo, pôr em liberdade os oprimidos e romper todo jugo? Não é partilhar sua comida com o faminto, abrigar o pobre desamparado, vestir o nu que você encontrou, e não recusar ajuda ao próximo?" (Is 58:6, 7). Assim sendo, o espírito de comunhão, compaixão e amor que acompanha a pessoa na prática do jejum deve permanecer com ela em todos os seus relacionamentos sociais, familiares, profissionais, bem como na maneira de tratar o necessitado. O jejum tem sentido apenas na medida em que nos leva a uma experiência de santificação crescente, que se expressa em todas as áreas da vida.

Conforme temos visto até aqui, o jejum contribui para aprofundar nossa comunhão com Deus. Essa é uma prática cujos benefícios específicos e físicos são incalculáveis. Com segurança, podemos afirmar que o caminho do preparo diário para o encontro com Jesus, em Sua segunda vinda à Terra, passa pelo estudo da Bíblia, oração e jejum habitual.



Estes são os dois primeiros lançamentos desta coleção que colocará você em contato com a erudição, o pensamento e a visão teológica da Igreja Adventista. Comece o quanto antes sua coleção.

Comentário Bíblico

Adventista do Sétimo Dia (Volume 1) Gênesis a Deuteronômio

Ed. Francis D. Nichol

Este primeiro volume com 1.264 páginas contém o comentário referente aos cinco primeiros livros da Bíblia (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) produzidos por Moisés e denominados de "Pentateuco". Apresenta artigos que abordam diferentes aspectos da história, arqueologia, cultura, formação do texto e do cânon das Escrituras e um material suplementar que relaciona os escritos de Ellen G. White, facilitando ao leitor o acesso imediato ao posicionamento do Espírito de Profecia sobre as diversas passagens e temas das Escrituras.

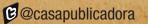
Tratado de Teologia

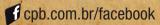
Editor: Raoul Dederen, Andrews University. Com 1.168 páginas, este livro apresenta um estudo exaustivo das principais doutrinas e crenças adventistas. Deus, Cristo, Espírito Santo, Pecado, Salvação, Santuário, Juízo, Sábado, Família, Profecias, Milênio, Segunda Vinda de Cristo, Grande Conflito... Cada um dos 28 temas é analisado ao longo de toda a Bíblia, depois na história cristã e nos escritos adventistas.

0800-9790606*

Faça seu pedido no www.cpb.com.br | SELS de sua Associação

Ou dirija-se a uma das Lojas da CASA

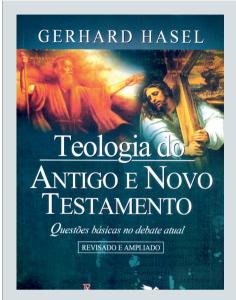




*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.



RECURSOS



TEOLOGIA DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

Gerhard Hasel, Editora Academia Cristã, Ltda., São Paulo, SP,

www.editoraacademiacrista.com.br, e-mail: academiacrista@globo.com, Tel.: (11) 4424-1204, fax (11) 4421-8170; 490 páginas.

Este livro é resultado de uma investigação criteriosa e lucidamente articulada, considerando as maiores tendências na área da teologia bíblica. O autor provê sua avaliação dos métodos passados e atuais, a partir do que ele apresenta uma nova abordagem para a teologia bíblica. Vigoroso em sua defesa da validade das Escrituras como a Palavra de Deus, Hasel inclui neste volume os mais significativos estudos das últimas décadas. Excelente material para professores de Teologia, pastores e seminaristas.

NOVA CHAVE LINGUÍSTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO

Wilfrid Haubeck e Heinrich Von Suebenthal, Edições Targumim São Paulo, SP, www.targumim,com, e-mail: vendas@targumim. com.br, Telefax: (11) 3266-3448, 1.466 páginas.

Trata-se de um primoroso auxílio para compreender e traduzir o texto grego do Novo Testamento. Explica a forma e o significado das palavras e construções gramaticais, sendo uma elaboração totalmente nova em termos filológicos a partir do texto-base grego.



PREGAÇÃO BÍBLICA

Haddon W. Robinson, Shedd Publicaçoes Ltda., São Paulo, SP, e-mail: shedd@publicacoes.com.br, tel.: (11) 5521-1924; 272 páginas.



Neste livro, o Dr. Robinson apresenta um método simples, prático e motivador para a pregação de sermões bíblicos. Porém, sua simplicidade não oculta a profundidade bíblica e científica de seu pensamento. Além de expor um método para pregar sermões, o autor oferece vários recursos para fazer isso, explorando o melhor da comunicação moderna.

TREINAMENTO VIA SATÉLITE

Fique atento a esta data: **3 de março** é o dia do treinamento via satélite. O programa tem como objetivo capacitar anciãos de igrejas, diretores de congregações, líderes de pequenos grupos e pastores distritais, para o Evangelismo Integrado 2012. Reúna sua equipe e sintonize o canal executivo da TV Novo Tempo (http://novotempo.com/canal-executivo), a partir das 15h (horário de Brasília). Não se esqueça de que, neste primeiro trimestre do ano, o Evangelismo Integrado inclui as seguintes ações: Dia de jejum e oração (10/03), Amigos de Esperança e Lares de Esperança (31/03) e o Evangelismo da Semana Santa (1º a 8/04). Promova! Participe!



Líderes segundo o coração de Deus

onhecemos a história de Saul e Davi. Ao contrário de Davi, Saul impressionava pela aparência. Saul se escondeu em sua tenda, enquanto Golias desafiava os israelitas. Davi tomou posição decidida por seu povo e por seu Deus. A diferenca entre líderes mediocres e grandes líderes não está na aparência nem na experiência, pois Deus pode usar o inexpressivo e sem experiência para fazer coisas extraordinárias. O que faz diferença entre eles é o relacionamento com o Espírito Santo.

A Bíblia revela qual foi a base da diferença entre esses dois líderes: "o Espírito do Senhor apoderou-Se de Davi... O Espírito do Senhor Se retirou de Saul" (1Sm 16:13, 14). Um

era cheio do Espírito e confiável. Sem o Espírito, o outro era alvo de grande desconfiança por parte dos liderados. A partir dessa diferenca, cada um desenvolveu estilos diferenciados de liderança.

Enquanto os filisteus tripu-

diavam sobre o povo de Israel, percebemos Davi cheio de zelo e preocupação com a missão, o nome e com o povo de Deus, ao contrário de Saul e seus soldados que se esconderam, ao ouvir as ameaças de Golias. A preocupação de Davi não tinha como base a busca do sucesso pessoal, mas a glória de Deus e o êxito de Sua causa. Dotado de maturidade e equilíbrio, o jovem pastor promovia apenas a reputação de Deus e de Seu povo.

Diante desse exemplo, devemos perguntar a nós mesmos: A quem ou o que estamos promovendo? Diante das dificuldades, escondemo-nos em nossa "barraca", nosso escritório ou igreja, ou avançamos na promoção da causa de Deus? Estamos preocupados e empenhados em promover a causa de Deus ou nossos projetos pessoais?

Saul desenvolvia um estilo de gerenciamento controlador de todos os que o cercavam. Desencorajava os jovens a lutar, porque se sentia ameaçado por eles. Temia que Davi crescesse e se tornasse melhor e mais popular que

ele mesmo. Escolheu gerenciar, e não discipular seus liderados. Por sua vez, Davi sempre esteve cercado por grandes líderes, que o admiravam por sua honestidade para com Deus, com o grupo e consigo mesmo.

Semelhantemente, devemos liderar a igreja através do processo do discipulado, treinamento e delegação. Em vez de insistir no controle manipulador, deixemos que outros crescam e se desenvolvam ao máximo. Esse é o papel do verdadeiro líder discipulador. Aliás, esse foi o exemplo deixado por Jesus.

O zelo que Davi demonstrou possuir era amadurecido e equilibrado. Não podia ser diferente, porque, ao zelo e à

"Não me expulses da Tua

presença, nem tires de mim o

Teu Santo Espírito"

fé, ele adicionava sabedoria celestial e autocontrole. Quando foi zombado pelos irmãos, ele não se ocupou em revidar nem defender a própria capacidade. Ao contrário disso, direcionou

os inimigos (1Sm 17:28, 29). Líderes guiados e movidos pelo Espírito Santo são humildes, equilibrados, sábios e têm discernimento.

Em vez de nos posicionarmos marcando passo com coisas pequenas e sem relevância, precisamos seguir o exemplo de Davi. Nossa positiva influência e nossa relevância no mundo virão somente pela aquisição de sabedoria e inteligência espirituais; jamais resultarão de caprichosas e egoístas ambições pessoais.

Submetamo-nos a Deus, a fim de que Ele nos transforme em líderes com o alvo certo, que busquem a todo custo capacitar sabiamente a igreja, para que ela continue sendo luz, iluminando e apontando o caminho para as pessoas que desesperadamente precisam ver Cristo em nós. Isso somente será possível se, como Davi, clamarmos diariamente ao Senhor: "Não me expulses da Tua presença, nem tires de mim o Teu Santo Espírito" (Sl 51:11). M

Semana Santa



A partir de 7 de fevereiro de 2012 acesse www.cpb.com.br/semanasanta e confira as novidades